

I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades

Anais

Coordenação de:

Paulo Mendes Pinto

Carlos Calvacanti

Sérgio Junqueira

Eulálio Figueira

Volume I

A Gnose Cristã: Estudo e Problemas

Coordenação

Rui Lomelino de Freitas (ULHT)

Manuela Gomes (ULHT)

I Congresso
Lusófono
de Ciência das
religiões



DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIA
DAS RELIGIÕES

RELIGIÕES E ESPIRITUALIDADES
CULTURA E IDENTIDADES

Outubro de 2015

Edições Universitárias Lusófonas

I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões
Religiões e Espiritualidades – Culturas e Identidades
LISBOA | 9 a 13 de maio de 2015

Organização:

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Em parceria com:

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Universidade do Estado do Pará

Universidade Federal de Juiz de Fora

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Grupo Coordenador da Comissão Organizadora:

Paulo Mendes Pinto (ULHT), Carlos André Cavalcanti (Un. Fed. Paraíba), Emerson Silveira (Un. Fed. de Juiz de Fora), Eulálio Figueira (PUC-SP), Flávio Senra Ribeiro (PUC Minas), Manuel Ribeiro de Moraes Júnior (Un. do Est. do Pará) e Sérgio Rogério Azevedo Junqueira (PUC-PR)

Restante Comissão Organizadora:

Alfredo Teixeira (Un. Católica Portuguesa), Celeste Quintino – (ISCSP – U. de Lisboa), Deyve Redyson (Un. Fed. Paraíba), Douglas Rodrigues da Conceição (Un. do Est. do Pará), Edin Sued Abumanssur (PUC-SP), Edite Maria Fracaro Rodrigues (PUC-PR), Henrique Pinto (ULHT), Lidice Meyer Pinto Ribeiro (UP Mackenzie), Marina Pignatelli – (ISCSP – U. de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (FL-UL), Roberlei Panasiewicz (PUC Minas) e Sylvana Brandão (Un. Fed. de Pernambuco/ Un. Cat. Pernambuco)

Índice

- 04 *Manuela Gomes e Rui Lomelino de Freitas*, A gnose cristã: Estudo e Problemas
- 05 *Maria Manuela Martins dos Santos Gomes*, As Marcas Gnósticas no Prólogo do Evangelho de João
- 21 *Rui Lomelino de Freitas*, A Gnose De Prisciliano
- 40 *Joaquim Franco*, Comparando o Incomparável? Reino e Responsabilidade Social no Evangelho de Tomé
- 55 *Vítor Manuel Raposo Rafael*, Os Cremos Apostólico e Niceno e as Correntes Gnósticas

A gnose cristã: Estudo e Problemas

Coordenadores:

Manuela Gomes ULHT

Rui Lomelino de Freitas ULHT

Michael Allen Williams, na sua obra “Rethinking Gnosticism”, não é o primeiro a propor-se desmistificar a categoria academicamente tida por consensual como “gnosticismo”. Se por um lado se dá o crédito de uma “gnose de raiz cristã” e admite-se que na origem diversa e plural dos primeiros séculos, a “ambiência gnóstica” era determinante na grande bacia mediterrânea, por outro lado, ainda hoje, não obstante as descobertas arqueológicas do século XX, estão a dar-se os primeiros passos para uma determinação de conceitos com base nas fontes de primeira mão, se possível libertas das deformações caricaturais produzidas pelos adversários das heresias, cuja marca descaracterizadora ainda filtra fortemente o nosso olhar sobre o fenómeno. A proposta deste simpósio é a de reunir participações capazes de:

- a) Mostrar a evolução epistemológica, seus desenvolvimentos e problemas nas últimas décadas;
- b) Com base no estudo comparativo das fontes ensaiar novas ferramentas conceptuais mais funcionais;
- c) Contribuir com a análise comparativa das fontes, de modo isento, não preconceituoso nem apologético.

AS MARCAS GNÓSTICAS NO PRÓLOGO DO EVANGELHO DE JOÃO

Maria Manuela Martins dos Santos Gomes¹ (ULHT)

Resumo

A descoberta em 1945 dos treze manuscritos de Nag Hammadi, foi segundo António Piñero, *a maior descoberta de textos antigos da era moderna* (2005, p.13), e veio lançar nova luz para o conhecimento das correntes de pensamento que circulavam entre as comunidades cristãs dos primeiros séculos do cristianismo. A maioria destes textos são considerados gnósticos e deles, até à sua descoberta, apenas tinham sobrevivido fragmentos mencionados pelos primeiros padres da Igreja, detratores das ideias neles expressas.

O pensamento gnóstico, ou gnose é transversal a diferentes correntes não só religiosas como também filosóficas e encontrou terreno fértil para a sua expansão na bacia helenizada do mediterrâneo. O que estes textos nos revelam é que o cristianismo não foi indiferente a essas correntes de pensamento, e podemos hoje em dia encontrar nos textos canónicos da ortodoxia institucionalizada, marcas desse mesmo pensamento.

O objetivo deste trabalho é traçar, dentro do possível, um paralelo entre as ideias subjacentes à conceção do Logos que aparecem no prólogo do quarto evangelho do cânon bíblico, e os escritos gnósticos, nomeadamente o Apócrifo de João, o Evangelho da Verdade, e o Evangelho de Tomé. Para tal partimos do confronto pessoal com os textos tentando fazer uma exegese, que não pretende ser teológica, mas apenas realçar os possíveis pontos de contato entre os mesmos, apoiada nos diferentes estudos efetuados sobre o cristianismo primitivo e seus textos, como sejam as obras de António Piñero, Francisco Garcia Bazán, Hans Jonh e Rudolf Bultmann.

Palavras-chave: Gnosticismo, Logos, Nag Hammadi

Abstract

The discovery of the Nag Hammadi thirteen manuscripts, in 1945, was, according to Antonio Piñero, *the greatest discovery of ancient texts in modern era* (2005, p.13), and it shed new light on the knowledge of the currents of thought circulating among the Christian communities of the first centuries. Most of these texts are considered Gnostic and, until this discovery, only a few fragments had survived, which had been mentioned by the early church fathers, detractors of the ideas expressed in them.

The Gnostic thought, or gnosis, has cut across different streams, not only religious but also philosophical, and found fertile ground for expansion in the Hellenized Mediterranean basin. What this tells us is that Christianity was not indifferent to these currents of thought, and we can nowadays find traces of gnostic thought in the canonical texts of institutionalized orthodoxy.

The object of this study is to draw, as much as possible, a parallel between the ideas behind the design of the Logos, which appears in the prologue of the Fourth Gospel of the biblical canon, and the Gnostic writings, including the Apocryphon of John, the Gospel of Truth, and the gospel of Thomas. Thus, we go from a personal confrontation with the texts, trying to make an exegesis - which does not intend to be

¹ Licenciada e mestrandanda em Ciência das Religiões, membro da Linha de Investigação em Gnose, Esoterismo e Simbólica (ULHT)

theological - to highlight solely the possible points of contact between them. This study is based on the different studies conducted on early Christianity and its texts, namely the works of Antonio Piñero, Francisco Garcia Bazán, Hans John and Rudolf Bultmann.

Keywords: Gnosticism, Logos, Nag Hammadi

Introdução

O Evangelho de João é cronologicamente o último dos evangelhos canônicos, a sua datação aponta para os finais do I século por volta do ano 90, segundo o teólogo protestante Rudolf Bultman a *atmosfera histórico-religiosa* do autor deste evangelho, pode ser encontrada no âmbito do helenismo invadido pelo pensamento das correntes de natureza gnóstica, das quais estaria mais próximo culturalmente, explicando assim as suas marcas distintivas em relação aos sinóticos Mateus, Marcos e Lucas, existentes nomeadamente no prólogo, e nos discursos de Jesus. (Bultmann, 2011, p. 419-430). Na mesma linha de pensamento, Miguel Pérez Fernández afirma que a cristologia apresentada por este evangelho é muito mais desenvolvida que a apresentada pelos sinóticos, e que muitas das afirmações com certo sabor gnóstico são a aplicações da interpretação do Talmude Torah, enquanto fim do homem, e só podem ser compreendidas e aceitáveis num contexto cultural helenístico e gnóstico, na qual a comunidade cristã que utilizava este evangelho estaria emersa. (2006, História del Cristianismo, p.88-89)

De fato podemos constatar que:

- Neste evangelho aparece logo no seu início a questão do Lógos, preexistente , na vespérad do acidente.enquanto Deus, salvador e revelador do Pai, identificado a Jesus Cristo.
- Enquanto nos sinóticos, Jesus dedica a pregação do seu ministério à proclamação do Reino de Deus, em João deparamo-nos com um Jesus que ao pregar o Reino de Deus se proclama a si mesmo. Expressões como Eu Sou, “o pão da vida, o pão vivo” (J. 6:35-48-51); “a porta”(J. 10:9); “o bom pastor”(J. 10:11); “a luz” (J. 12: 46); “o caminho, a verdade e a vida” (J. 14:6); “o Mestre e Senhor” (J.13:13); “o Messias” (J. 4:26); “a ressurreição e a vida” (J. 11:25); e a poderosa declaração “antes que Abraão existisse, eu sou” (J. 8:58); são uma das marcas determinantes deste evangelho que não encontramos presente nos sinóticos.
- A escatologia de João é uma escatologia que em vez de redirecionar o Reino de Deus ao fim dos tempos a coloca no imediato, “Em verdade em verdade vos digo que vem a hora e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão” J. 17:3.
- Também a soteriologia joanina é bastante diferente dos sinóticos, na oração que Jesus faz ao Pai pelos seus discípulos é dito; “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem tu enviaste.” J. 5:25

É igualmente neste evangelho que Jesus aparece identificado com o Filho do Homem “Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho do Homem?” J. 9:35; e que nos remete para o mito gnóstico do Homem Primordial.

É pegando no primeiro ponto, ou seja o Lógos, preexistente enquanto Deus, salvador e revelador do Pai, identificado a Jesus Cristo, que, partindo do pressuposto da existência de marcas de influência gnóstica, passo ao confronto com os textos, tendo como texto de base o prólogo do evangelho de João e apresentando numa primeira abordagem um esquema onde ponho em paralelo as passagens que a meu ver são explicativas de uma mesma visão, de um mesmo ideário que explica uma realidade comum que se assume ao mesmo tempo transcendente no seio do Pai e imanente enquanto Filho/Salvador.

A maioria das correntes gnósticas postula a existência na origem de um Deus que é absoluta transcendência, o Uno impossível de ser conhecido na sua essência, do qual não se pode formar qualquer imagem caracterizado como não tendo limites, não tendo necessidade de nada nem de ninguém, estando acima de tudo o que podemos chamar de divindade, estando para além do ser. (Piñero, p.46). Este Deus supremo é o Pai em si mesmo e por sua *“infinita fecundidade y dulzura está em actividade de inagotable y sereno amor...lo que no puede no ser encierra una posibilidad de poder ser que unicamente fuera de él podría ser efectiva, pues en él lo limitaría.”* (Bazán, p.17). Desta forma para os gnósticos é passível que este Deus supremo esteja acompanhado de um ser concebido como a outra face de si mesmo, o seu cônjuge denominado, consoante as diferentes correntes: Pensamento, Paz, Pneuma, Silêncio ou Sabedoria. Desta deidade entendida como Pai/Mãe, que está no Pai mas que se distingue dele porque é pré-inteligível, da sua vontade de conhecimento de si mesma, frutificará o Filho enquanto imagem do Pai e conhecimento, também denominado como Auto-gerado e Intelecto.

É o Filho que, depois de todo o drama mitológico da queda da Sabedoria Pleuromática e origem do Homem, por vontade do Pai, assume a figura do Redentor, Libertador, Salvador, o Cristo nas correntes gnósticas cristãs, é Ele que desce e assume a forma carnal ao se introduzir no corpo de um ser humano especial, desde Adão até Jesus, que na sua vida terrena *“pregará a verdadeira gnose, que consiste exclusivamente em fazer com que os homens espirituais se apercebam de onde vêm, quem são e para onde devem ir”* (Piñero, p. 83). A Salvação é pura graça e parte da Divindade, o ser humano por si só não consegue aceder-lhe. A Salvação é o verdadeiro conhecimento da essência do homem, é o conhecimento de Deus.

O Logos/Salvador	Ev. João ²	Apócrifo de João ³	Ev. da Verdade ⁴	Ev. Tomé ⁵
Eternidade e relação com o Pai	1 No princípio era o logos e o logos estava com Deus e o logos era Deus. 2 Ele estava no princípio com Deus	30 Eu preexisti e vou por todos os caminhos.	16 ...Palavra que veio do Pleroma, a que está no pensamento e no Intelecto do Pai, a que é chamada o Salvador... 23 ...Desta maneira a Palavra do Pai surge na Totalidade, como o fruto 24 do seu coração e como impressão da sua vontade.	77.... Eu sou o Todo.
Causa motriz do Todo	3 Todas as coisas através dele vieram à existência e sem ele nem uma só coisa surgiu	7 O Logos seguiu o querer, porque através do Logos, Cristo, o divino Auto-gerado, tinha criado o todo.		77 ...O Todo proveio de mim e o Todo chegou a mim.
Luz	4 o que se tornou real, nele, era vida e a vida era a luz dos homens. 5 E a luz brilha nas trevas e as trevas não a compreendem.	30 Eu sou a abundância da luz,... Eu penetrei na magnitude da obscuridade e resisti...e eles não me conheceram ... eu sou a	18 ... pelas misericórdias do Pai, o mistério oculto, Jesus, o Cristo, por cujo meio iluminou os que estavam na escuridão por causa do esquecimento. Iluminou-os e mostrou-lhes o caminho	77 Jesus disse: Eu sou a Luz. A que está em cima de todos

² Greek-English New Testament, Nestle-Alan, ed. XXVI, minha tradução a partir do grego

³ Biblioteca de Nag Hammadi I, *O Livro Secreto de João*, Esquilo, 2005, ps. 220, 223, 239

⁴ Biblioteca de Nag Hammadi II, *Evangelhos Gnósticos*, Esquilo, 2006, ps. 145, 147, 149, 153, 157

⁵ Ibidem, ps. 87, 94

	<p>9 Ela era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todos os homens.</p>	<p>luz na luz,... para descer até ao fundo da obscuridade ...</p>		
<p>A salvação pelo conhecimento e por vontade do Pai</p>	<p>10 ele estava no mundo, e o mundo através dele veio à existência, e o mundo não o conheceu</p> <p>11 veio ao que era seu, e os seus não o aceitaram.</p> <p>12 Mas aos que o aceitaram deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que creem no seu nome</p> <p>13 os que foram gerados não pelo sangue, nem por vontade da carne, nem por vontade do homem, mas por Deus.</p>	<p>31 Quem me ouvir que se levante do sono profundo. ... eu sou o pensamento do Espírito virginal que te eleva até ao lugar de honra. Levanta-te e pensa que tu és o que ouviste. Segue a tua raiz... Eu despertei-o e selei-o na luz com cinco selos, a fim de que a partir de agora a morte já não tenha poder sobre ele</p>	<p>30... Uma vez que a luz falou pela sua boca e a sua voz gerou a Vida, deu-lhes ... a misericórdia e a salvação e o espírito poderoso proveniente da infinidade e da doçura do Pai.</p>	

Encarnação	14 E o Logos tornou-se carne e habitou entre nós. E contemplamos a sua glória, glória de Filho único vindo do Pai, pleno de graça e de verdade		31 Porque ele veio numa forma carnal (sarx), sem encontrar nenhum obstáculo ao seu deslocamento, uma vez que a incorruptibilidade é irresistível.	28 Jesus disse: Mantive-me no meio do mundo e manifestei-me a eles em carne (sarx).
Plenitude	16 Assim que da sua plenitude todos nós recebemos graça após graça. 17 porque a lei foi dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade fizeram-se realidade mediante Jesus Cristo		35...Desta maneira o Pleroma, que não é deficiente, mas que preenche a deficiência, é o que 36 Ele subministrou de si mesmo para completar o que lhe falta, para que assim receba a graça	
Unigénito, Revelador do Pai	18.nunca ninguém já viu Deus. Um filho único, Deus, o que está no seio do pai, esse no-lo interpretou	2 Eu sou o Pai, eu sou a Mãe, eu sou o Filho. Eu sou o inabarcável e o incorruptível . Agora vim ensinar-te o que é, o que era e o que será a fim de que conheças as	30 Deu-lhes os meios de conhecê-lo, o conhecimento do Pai e a manifestação do seu Filho. Quando apareceu, instruindo-os sobre o Pai, o Incompreensível, quando lhes insuflou o que está no Pensamento, cumprindo a sua vontade, quando muitos receberam a luz, voltaram-se 31 para ele 38 Porque,realmente, o nome do Pai não é dito, mas revela-se, sim, através do Filho.	

		coisas invisíveis e as visíveis,...		
		6...Este é o unigénito do Pai materno que se tinha manifestado, o seu único rebento, o unigénito do Pai, a luz pura		

Comentários

As passagens selecionadas destes quatro Evangelhos apresentam-nos um quadro de características comuns do Salvador gnóstico, ou seja:

- **Eternidade e relação com o Pai**

Ev. João	Apócrifo João	Ev. Da Verdade	Ev. Tomé
1 No princípio era o logos e o logos estava com Deus e o logos era Deus. 2 Ele estava no princípio com Deus	30 Eu preexisti e vou por todos os caminhos.	16 ...Palavra que veio do Pleroma, a que está no pensamento e no Intelecto do Pai, a que é chamada o Salvador... 23 ...Desta maneira a Palavra do Pai surge na Totalidade, como o fruto 24 do seu coração e como impressão da sua vontade.	77.... Eu sou o Todo.

No princípio era o Logos – esta afirmação realça a eternidade do logos ao ser colocado enquanto sujeito da oração diretamente em relação com o substantivo $\alpha\alpha\alpha\eta$ (princípio, origem), antecedida da preposição $\alpha\alpha\alpha$ e que nos remete para um logos que estava: em, dentro de, no meio de, diante de. Também a utilização do verbo $\alpha\alpha\alpha\alpha$ (ser, estar, existir), no modo Imperfeito denuncia uma ação inacabada e intemporal que teve o seu início num passado e se prolonga até ao presente. Podemos afirmar com alguma segurança que não houve, nem há época alguma em que o logos não tenha existido.

E o Logos estava com Deus – “estava”, foi a palavra utilizada para traduzir a preposição $\alpha\alpha\alpha\alpha$ que na frase aparece a reger um acusativo que lhe dá o significado

de: em direção a, junto de, diante de, com relação a, sugerindo um movimento de interação com Deus, ou seja o “estar com”, não é estático e implica relacionamento.

E o Logos era Deus – novamente a forma verbal apresenta-se no modo Imperfeito denunciando uma ação intemporal. Ele era é, e nunca deixará de ser Deus.

Nos outros três exemplos apresentados, vemos expressas as mesmas ideias, no Apócrifo de João o Salvador afirma de si mesmo a sua preexistência, no Ev. da Verdade vemos o Logos enquanto Palavra no seio do Pai identificado com o Salvador, já em Tomé a igualdade completa com o Pai faz-se ao Jesus afirmar ser o Todo e o Todo dele proceder.

Como já referimos, a teologia das correntes gnósticas pressupõe na origem a existência de um Deus Uno que contem em si mesmo numa relação dinâmica de manifestação, que podemos chamar de Trindade Primordial ou seja Pai/Mãe/Filho. É este Filho primordial que é nestas passagens apresentado como Logos/Salvador/Cristo/Jesus.

- **A causa motriz do Todo**

Ev. João	Apócrifo de João	Ev. Da Verdade	Ev. Tomé
3 Todas as coisas através dele vieram à existência e sem ele nem uma só coisa surgiu	7 O Logos seguiu o querer, porque através do Logos, Cristo, o divino Auto-gerado, tinha criado o todo.		77 ...O Todo proveio de mim e o Todo chegou a mim.

Todas as coisas por intermédio dele existiram, e sem ele nem uma só coisa existiu – aqui vemos o Logos como causa motriz do aparecimento de todas as coisas, visíveis e invisíveis. A preposição $\alpha\pi\alpha\lambda\lambda\omicron\varsigma, \alpha\phi\alpha\lambda\omicron\varsigma$ pede genitivo (complemento circunstancial de posse), e significa, sem ou à parte de, subentendendo-se causalidade e presença do Logos no trazer à existência.

No Apócrifo de João a criação do todo é atribuída ao Auto-gerado, Cristo, que é estabelecido como cabeça do todo, Deus da Verdade e ao qual se submetem todas as potestades, possuidor de um *nome* que é sobre todo o nome⁶.

Também o Jesus de Tomé reclama para si a criação do todo, acrescentando: “*Trazei um madeiro. Eu estou ali. Levantai a pedra e ali me encontrareis*”⁷

⁶ Biblioteca de Nag Hammadi I, *O Livro Secreto de João*, Esquilo, 2005, p. 223

⁷ Biblioteca de Nag Hammadi II, *Evangelhos Gnósticos*, Esquilo, 2006, p. 94

Embora nas correntes gnósticas a criação do mundo e do homem tenha sido efetuada pelo Demiurgo, uma espécie de deus inferior, toda a criação não deixa de ser um reflexo ou o plasmar do Pleroma. Em última instância podemos afirmar o Logos como causa motriz, potenciadora da existência de todas as coisas.

- **A Luz, que ilumina os homens e prevalece em relação às trevas**

Ev. João	Apócrifo de João	Ev. Da Verdade	Ev. Tomé
<p>4 o que se tornou real, nele, era vida e a vida era a luz dos homens.</p> <p>5 E a luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam.</p> <p>9 Ela era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todos os homens.</p>	<p>30 Eu sou a abundância da luz,... Eu penetrei na magnitude da obscuridade e resisti...e eles não me conheceram... eu sou a luz na luz,... para descer até ao fundo da obscuridade...</p>	<p>18 ... pelas misericórdias do Pai, o mistério oculto, Jesus, o Cristo, por cujo meio iluminou os que estavam na escuridão por causa do esquecimento. Iluminou-os e mostrou-lhes o caminho</p>	<p>77 Jesus disse: Eu sou a Luz. A que está em cima de todos</p>

E o que se tornou real, nele era vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam. O verbo □□□□□□□□□□□□□□□□ no aoristo indicativo refere uma ação realizada num determinado momento histórico, plenamente concretizada e pode ser traduzido como: apoderar-se, compreender, vencer, suplantar, alcançar, capturar, ofuscar. Dá-nos a ideia reforçada de que as trevas não só não compreenderam a luz mas também não a conseguiram capturar, vencer ou prevalecer contra.

Nas passagens apresentadas apercebemo-nos da relação de contraste entre as trevas e a luz, dois extremos que se opõem, a luz/Logos é aquela que se opõe e se sobrepõe às trevas/ignorância, possibilitando dessa forma a iluminação/conhecimento (gnose), que revela o caminho de volta em direção ao Pai.

- **A salvação pelo conhecimento e por vontade do Pai**

Ev. João	Apócrifo de João	Ev. Da Verdade	Ev. Tomé
<p>10 ele estava no mundo, e o mundo</p>	<p>31 Quem me ouvir que se</p>	<p>31...Uma vez que a luz falou pela sua</p>	

<p>através dele veio à existência, e o mundo não o conheceu</p> <p>11 veio ao que era seu, e os seus não o aceitaram.</p> <p>12 Mas aos que o aceitaram deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que creem no seu nome</p> <p>13 os que foram gerados não pelo sangue, nem por vontade da carne, nem por vontade do homem, mas por Deus.</p>	<p>levante do sono profundo. ... eu sou o pensamento do Espírito virginal que te eleva até ao lugar de honra. Levanta-te e pensa que tu és o que ouviste. Segue a tua raiz...Eu despertei-o e selei-o na luz com cinco selos, a fim de que a partir de agora a morte já não tenha poder sobre ele</p>	<p>boca e a sua voz gerou a Vida, deu-lhes ...a misericórdia e a salvação e o espírito poderoso proveniente da infinidade e da doçura do Pai.</p>	
---	---	---	--

Ele estava no mundo, e o mundo através dele veio à existência, e o mundo não o conheceu, veio ao que era seu, e os seus não o aceitaram. Mas aos que o aceitaram deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que creem no seu nome – a questão do conhecimento, verbo □□□□□□ (conhecer) não conhecimento intelectual antes reconhecer por estar em relação direta com, quem não conhece não pode aceitar e os que conhecem aceitam, é esse conhecimento o fator que gera, que proporciona □□□□□□ζ (poder), para aceder à filiação divina. – os que foram gerados não pelo sangue, nem por vontade da carne, nem por vontade do homem, mas por Deus. – a vontade de Deus implicada no ato de possibilitar ao homem tornar-se filho de Deus.

No Apócrifo de João o Salvador exorta o discípulo a ouvir e a pensar para poder conhecer a sua origem e a ela regressar. Pois pela misericórdia do Pai o Salvador foi enviado para libertar da morte os que são selados na Luz.

Da mesma forma no Ev. da Verdade é a mediação do Filho enquanto luz e palavra, que por vontade do Pai traz conhecimento, conhecimento que possibilita a salvação.

- **A encarnação**

Ev. João	Apócrifo de João	Ev. Da Verdade	Ev. Tomé
<p>14 E o Logos tornou-se carne e habitou entre nós. E contemplámos a sua glória, glória de Filho único vindo do Pai, pleno de graça e de verdade</p>		<p>31 Porque ele veio numa forma carnal (sarx), sem encontrar nenhum obstáculo ao seu deslocamento, uma vez que a incorruptibilidade é irresistível.</p>	<p>28 Jesus disse: Mantive-me no meio do mundo e manifestei-me a eles em carne (sarx).</p>

E o logos tornou-se carne e habitou entre nós. E contemplámos a sua glória, glória de filho único vindo do pai, pleno de graça e de verdade. – a descida do logos é revestida de um corpo carnal. A preposição $\epsilon\pi\iota$ permite a tradução não só entre nós como em nós, Podemos dizer que na sua permanência entre nós e em nós Ele é contemplado apenas na sua glória e não no seu corpo. Isto pode levar-nos ao fato de que algumas das correntes gnósticas afirmam que a encarnação de Cristo não foi real na medida em que sendo um corpo espiritual apenas se revestiu do corpo carnal de Jesus por altura do seu batismo no Jordão⁸.

No entanto como podemos ver nos exemplos apresentados do Apócrifo de João e do Ev. de Tomé ambos referem a manifestação do Filho/Jesus em carne.

⁸ Biblioteca de Nag Hammadi I, *O Livro Secreto de João*, Esquilo, 2005, p. 83

- **Plenitude**

Ev. João	Apócrifo de João	Ev. Da Verdade	Ev. Tomé
<p>16 Assim que da sua plenitude todos nós recebemos graça após graça.</p> <p>17 porque a lei foi dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade fizeram-se realidade mediante Jesus Cristo</p>		<p>35...Desta maneira o Pleroma, que não é deficiente, mas que preenche a deficiência, é o que 36 Ele subministrou de si mesmo para completar o que lhe falta, para que assim receba a graça</p>	

A questão da Plenitude ou Pleroma é um dos temas centrais nas correntes gnósticas, embora não exista um consenso em relação à forma como foi constituído, ele representa a totalidade das emanações ou hipóstases divinas, ou ainda os diferentes aspetos personificados do Deus Uno. Estas emanações são concebidas andrógenas ou aos pares, na medida em que se complementam e só assim são perfeitos. Cada par reflete a imagem do par que a antecede e a imagem do próprio Deus, numa sucessão de múltiplas hierarquias. Cada membro da parêntese provém da vontade e conhecimento paternos, mas deve autorrealizar-se volitiva e cognoscitivamente no Todo para que possa haver plenitude (Bazán, 2003, p. 19). O Pleroma é pois entendido como o Reino Perfeito de Deus e a sua formação dá-se antes do tempo.

É a queda de uma destas emanações que provoca a cisão do Pleroma que dará origem à criação demiúrgica do mundo e do homem. Homem que dentro de si possui uma centelha, ou semente de luz cuja origem se situa no Pleroma, e que é a verdadeira entidade humana. É essa centelha que terá de ser desperta através da gnose para poder regressar ao seio do Pai.

É este Reino e a sua graça, enquanto vontade e misericórdia do Pai para com a humanidade ignorante da sua origem, que o Salvador vem anunciar.

• **Unigénito, o Revelador do Pai**

Ev. João	Apócrifo de João	Ev. Da Verdade	Ev. Tomé
<p>18.nunca ninguém já viu Deus. Um filho único, Deus, o que está no seio do pai, esse no-lo interpretou</p>	<p>2 Eu sou o Pai, eu sou a Mãe, eu sou o Filho. Eu sou o inabarcável e o incorruptível. Agora vim ensinar-te o que é, o que era e o que será a fim de que conheças as coisas invisíveis e as visíveis,... 6...Este é o unigénito do Pai materno que se tinha manifestado, o seu único rebento, o unigénito do Pai, a luz pura.</p>	<p>30 Deulhes os meios de conhecê-lo, o conhecimento do Pai e a manifestação do seu Filho. Quando apareceu, instruindo-os sobre o Pai, o Incompreensível, quando lhes insuflou o que está no Pensamento, cumprindo a sua vontade, quando muitos receberam a luz, voltaram-se 31 para ele 38 Porque, realmente, o nome do Pai não é dito, mas revela-se,</p>	

		sim, através do Filho.	
--	--	------------------------------	--

O Filho é o único que pode revelar o Pai pois é Ele que como já referimos se encontra no seio do Pai desde o início na tríade Pai/Mãe/Filho. Ele é o Unigénito, Auto-gerado, manifestação paterna que representa dois aspetos no seu relacionamento com o Pai. Voltado para Ele é *Intelecto inarticulado: Nome de todos os nomes do Pai em exercício pleno da vontade (liberdade) e o conhecimento paterno.*

Voltado para si próprio é *Intelecto múltiplo, articulado ou dito: o Todo dos nomes paternos, substância inteligível e livre; eterna, vivente, total e entrelaçada que prega acerca do Pai, do qual cada atributo, parte ou membro é uma Totalidade no Todo.*⁹

Conclusão

Sem querer afirmar perentoriamente que o Prólogo do Ev. de João é um texto gnóstico, pelo que acima ficou exposto, podemos dizer com alguma segurança que este texto apresenta diversas características comuns às concepções das diferentes correntes gnósticas, que circulavam no espaço temporal em que o mesmo evangelho terá sido redigido.

Segundo Piñero “há que reconhecer que o Novo Testamento é o horizonte interpretativo para a maior parte dos textos gnósticos conservados até hoje...e não o contrário”. No entanto ao se admitir como hipótese a gnose como corrente de pensamento que perpassa todo um território helenizado desde a Grécia até à Índia, esta forma de pensar o mundo e as questões existenciais do homem é anterior ao aparecimento do cristianismo.

Sem querer discursar sobre qual terá aparecido primeiro, pois penso que isso em nada tem relevância, a descoberta dos textos de Nag Hammadi, vieram pôr em evidência algo que anteriormente apenas se podia especular, ou seja a pluralidade e riqueza do pensamento e das correntes cristãs dos primeiros séculos.

⁹ Bazán, F. G. *La gnosis eterna – Antologia de textos gnósticos, griegos, latinos y coptos I*, Trotta, Barcelona, 2003, p. 18 (tradução feita por mim para o português)

REFERÊNCIAS

Bazán, F. G., *La gnosis eterna – Antología de textos gnósticos, griegos, latinos y coptos I*, Editorial Trotta, Barcelona, 2003

Bíblia Sagrada, trd. João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica, Brasil, 2001

Biblioteca de Nag Hammadi I, *O Livro Secreto de João*, ed. António Piñero, Esquilo, 2005

Biblioteca de NAg Hammadi II, *Evangelhos Gnósticos*, ed. António Piñero, Esquilo, 2006

Figueiredo, P., *A questão do Logos e os Discursos de Jesus no Evangelho de São João*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2008

Greek-English New Testament, Nestle-Alan, ed. XXVI, DBG, 1981

História del Cristianismo, V. I *El Mundo Antiguo*, coord. Manuel Sotomayor, José Fernández Ubiña, Editorial Trotta, Madrid, 2006

Jonas, H., *La religión gnóstica – El mensaje del Dios Extraño y los comienzos del cristianismo*, Siruela, Madrid, 2000

Pagels, Elaine, *Os Evangelhos Gnósticos*, Via Óptima, Porto, 2004

Rudolf Bultmann, *Teología del Nuevo Testamento*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011

A GNOSE DE PRISCILIANO

Rui Lomelino de Freitas (ULHT)

Resumo

Pretende esta comunicação demonstrar que os textos dos Tratados¹⁰ atribuídos a Prisciliano reflectiam o “ambiente gnóstico” que permeava ainda civilização Mediterrânica da época. Faremos uma caracterização histórica do início do movimento e analisaremos algumas passagens, colocando em destaque o caminho espiritual de cristificação aí preconizado, perfeitamente equivalente ao que podemos ler em alguns evangelhos de Nag Hammadi, ou na interpretação pneumática das escrituras desde Fílon a Orígenes - de Alexandria...

Palavras-chave: Prisciliano; Gnose; Cristianismo

Abstract

This communication aims to demonstrate that the texts of the Treaties attributed to Prisciliano reflected the "Gnostic environment" that still permeated Mediterranean civilization of the time. We will make a historical characterization of the beginning of the movement and analyze some passages, highlighting the subject of the spiritual path of Christification, perfectly equivalent to what we read in some Gospels of Nag Hammadi, or in the pneumatic interpretation of the scriptures, from Philo to Origen – of Alexandria...

Keywords: Priscillian; Gnosis; Christianity

¹⁰*Tratados de Prisciliano* (trad, Ricardo Ventura); Lisboa, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. Será a referência ao longo do trabalho.

Breve apresentação do herege

Gnóstico? Heterodoxo? Mártir? Rios de tinta tentaram preencher as lacunas do que falta saber sobre o primeiro cristão da história a ser condenado à morte por heresia. Os seus “Tratados” dão-nos as coordenadas da sua “gnose” e esclarecem-nos um pouco sobre o ponto em que se situava o seu tempo na utilização e aceitação dos textos *apokriphon*, (literalmente “secretos”).

São escassas as fontes directas. Em 1885, G. Schepss descobriu na biblioteca de Würzburg (Baviera) um manuscrito contendo os *Tractatus*, atribuídos a Prisciliano. São também de Prisciliano os *Canones in Paulo apostoli a Peregrino episcopo emendati*¹. É-lhe ainda atribuída a autoria de um fragmento de epístola contida no *Commonitorium* dirigido por Paulo Orósio a Agostinho de Hipona¹. As fontes indirectas são: a crónica de Sulpício Severo; as actas dos Concílios; as crónicas de Próspero e de Idácio; as referências de Ambrósio de Milão (*Epistula XXX*¹); de Jerónimo¹ (*De viris illustribus*); e as afirmações de Consêncio (*Commonitorium domino meo sancti patri Augustino*)¹. Todas redigidas por detractores.

Mas comecemos pelo início... Prisciliano nasce entre os anos 330 e 340¹¹, na Galiza¹² ou na Lusitânia, dada a influência que exercerá desde *Emerita Augusta* até Ávila¹³. Segundo a *Chronica* de Sulpício Severo a sua juventude foi marcada pelos ensinamentos de Ágape, mulher nobre de alto estatuto social e seu esposo Elpídio, supostamente discípulos de Marco, cristão gnóstico de Mênfis, Egipto. O gnóstico Marco e a sua influência são também mencionados por Itácio, bispo de *Ossonoba* (actual Faro, Portugal), adversário de Prisciliano. Este acrescenta que Marco de Mênfis teria sido discípulo de Mani, junto de quem teria aprendido os segredos da magia¹⁴ (Isid., *De vir. ill.*, 15). A este coro de suspeições juntam-se as vozes de outros posteriores detractores, como Jerónimo¹⁵. Como nota Blazquez, esta filiação a Marcos de Mênfis, verdadeira ou não, não é isenta pois permite aos seus opositores traçar o quadro de um Prisciliano estranho, incompreensível cheio de influências alheias ao cristianismo ocidental¹⁶. Maniqueísmo e magia configuravam crimes passíveis de condenação à morte; esta bastante conveniente para os seus opositores. Não obstante o interesse condenatório, é verosímil que Prisciliano conhecesse bem as correntes de

¹¹ Piñero, Antonio; *Cristianismos Derrotados*, Edaf, p. 263

¹² Conforme o bispo da Aquitânia, Próspero (390-455), discípulo de Agostinho

¹³ Moreno, García L; *Teodosio y la Galaecia. Historia de una aristocracia tardorromana*, in Congresso Internacional La Hispania de Teodosio, vol. I 1997, p.84.

¹⁴ Blazquez, J.M.: *Religiones en la España antigua*, Madrid, 1991, p. 378,

¹⁵ *Epistula* (75, 3-4, p. 32-33)

¹⁶ Blazquez, J.M.: *Religiones en la España antigua*, p. 378

pensamento gnósticas e herméticas que circulavam no Egipto, com o qual a península Ibérica mantinha relações comerciais¹⁷. Já Marcel Dando¹⁸ considera o priscilianismo um ramo do cristianismo oriental de Orígenes. E António Piñero vê no neste movimento uma forma de Montanismo, dada a inspiração “profética” do Espírito na interpretação das escrituras¹⁹.

Segundo as crónicas de Sulpício Severo (*Chron.* II, 46, 6), Prisciliano no seu baptismo renuncia às riquezas, passando a levar uma vida despojada. Predica na Lusitânia e províncias adjacentes como doutor laico itinerante, defendendo a renovação do cristianismo e dos costumes sacerdotais, contagiando uma nova geração de sacerdotes em várias dioceses. A adesão popular parece ter sido de tal modo impressionante, que é descrita como um “movimento religioso quase tumultuário”²⁰, que se espalha rapidamente entre o Tejo, o Douro e a via de *Asturica a Emerita*²¹. A adesão é de homens e mulheres de todas as classes, que reconhecem aí a expressão de um cristianismo mais puro, contrastante com o de uma Igreja dominada por interesses²².

Prisciliano promove os estudos bíblicos e apócrifos. Forma-se grupos de estudo mistos com homens e mulheres em igualdade. Defende a abolição da discriminação entre sexos na prática religiosa (a *abolição dos sexos em Cristo*), incitando à valorização rara na sua época do papel da mulher. Supõe-se que haveria no seu movimento mulheres sacerdotisas a realizar a liturgia²³. Os estudos são frequentados também por escravos e sabe-se que defendia a abolição da escravatura²⁴. Organiza retiros, promove o vegetarianismo, a castidade e a abstinência de bebidas alcoólicas. Mas Prisciliano não tenta criar um movimento monástico, nem afasta os seus seguidores da vida laboral e social nas suas comunidades²⁵: Prisciliano quer uma reforma radical, para um regresso ao cristianismo inicial²⁶, à santificação, mas sem afastamento do mundo. Na sua leitura das escrituras predica a vitória da luz da revelação sobre a obscuridade da ignorância e um desenvolvimento processual de divinização mental e corporal do homem, a partir do nascimento do divino no interior do homem, da morte da “forma do pecado” (pela imitação de Cristo), e do renascimento pelo espírito. Justificaremos adiante estas asserções ...

¹⁷ Blazquez, J.M.: *Religiones en la España antigua* p. 379

¹⁸ N.º 56, 14.º ano, 4.º trimestre de 1967

¹⁹ Piñero, Antonio; *Los Cristianismos Derrotados*, Edaf, p. 269

²⁰ idem

²¹ idem

²² como afirmará das igrejas hispánicas o próprio Sulpício Severo

²³ Um cânón do concílio de Nimes, celebrado em 396, condena o facto de as mulheres terem sido admitidas ao diaconado

²⁴ J.M., *Estado de la Question*. In Cuadernos del Norte, set. 1981

²⁵ Chadwick *Priscillian of Avila*, p. 30

²⁶ Piñero, Antonio; *Los Cristianismos Derrotados*, Edaf, p.264

Este impulso inflamará corações de multidões na Hispânia e parte da Aquitânia (sul de França), mas não só de entusiasmo. Também a animosidade persecutória o acompanhará desde o início.

Hidácio, bispo metropolitano de *Emerita Augusta*, Mérida, é o seu primeiro e mais fiel inimigo²⁷. Uma reforma tão radical ofendia o *status quo*. Como supõe Blazquez um movimento cristão “*con estas características, debió hacerse muy sospechoso y peligroso a la jerarquía eclesiástica, mui deficiente desde el punto de vista cristiano.*”²⁸

Segundo as *Chronicas*, Higino, bispo de Córdova, escreve ao colega de Mérida a acusar Prisciliano de heresia, sem mais explicações. Hidácio, *acto continuum*, excomunga Prisciliano e os seus seguidores. A excomunhão, segundo o sínodo de Elvira, não permitia outros bispos aceitarem o excomungado em comunhão. Mas vários bispos acolhem-no à revelia. A controvérsia aumenta a sua popularidade em todas as províncias. O próprio Higino retrocede na posição anterior e acolhe Prisciliano em comunhão (*Chron.* II, 47, 4). Resumindo, em 379 o movimento acabou por ultrapassar as fronteiras pirenaicas da Ibéria, chegando ao solo gaulês, colocando parte da hierarquia eclesiástica à beira de um ataque de nervos.

Hidácio convoca então um sínodo, ou concílio, composto por 12 bispos da Hispânia e da província gaulesa de Aquitânia, que decorre em *Caesaraugusta* (Saragoça) em 379 ou 380²⁹. É pela presença de membros do clero aquitano que normalmente os estudiosos deduzem a existência “problemas” na Gália setentrional. É significativa também a fraca adesão dos bispos hispânicos e a não comparência dos bispos de Córdova e Galiza.

Ainda assim foram condenados os usos e costumes que caracterizavam o movimento priscilianista, especialmente a importância dada às mulheres e o convívio com estas, os retiros, dietas alimentares, ou práticas como andar descalço, conseguindo-se marcar pontos na direcção de uma condenação dos principais “heresiarcas”.³⁰

²⁷ A fonte mais antiga sobre o movimento provém de Higino, bispo de Córdova, em 378/379, por situações ocorridas em Córdova, capital da Bética, ou na Lusitânia, das quais ele denuncia Prisciliano a Idácio, bispo de Mérida e metropolitano da Lusitânia, instando-o a uma atitude. Segundo a carta de Higino, Prisciliano ensinava doutrinas de tipo gnóstico e maniqueísta

²⁸ Blazquez, J.M.: *Religiones en la España antigua*, p.394

²⁹ Escribano Paño, M.V.: *El Concilio I de Caesaraugusta*, in *Revista Aragonesa Teologia*, 5, Historia del Cristianismo en Aragon, Aragon, 1997.

³⁰ Os cânones do concílio ordenavam:

- a) que as mulheres se afastem da leitura e das reuniões com homens que não os seus esposos (Cánone I);
- b) interdição do retiro nas *villae* (Cán. II);
- c) proibição do consumo do Corpo de Cristo da Eucarista, fora da Igreja (Cán. III);
- d) proibição de da prática de andar descalço (Cánone IV);
- e) proibição aos bispos de receber quem tenha sido sancionado disciplinarmente por outros bispos, sob a pena de lhes interditar a comunhão (Cán. V);

Mas o conflito agudiza-se na Lusitânia. Clérigos escrevem libelos a acusar Hidácio de actos reprováveis e indignos e trocam a sua comunhão pela dos bispos Instâncio e Salviano. Estes confirmam Prisciliano, eleito popularmente bispo de Ávila. No meio desta tensão, Instâncio e Salviano procuram um acordo de paz, viajando a Mérida ao encontro do bispo metropolitano, mas pelo caminho sofrem uma emboscada em que são violentamente espancados, sobrevivendo por pouco. A situação degrada-se irremediavelmente. Itácio de Ossonoba recorre ainda ao poder civil exigindo a expulsão dos priscilianistas, mas o pedido carece de base jurídica e é deferido³¹.

Hidácio e Itácio enviam uma *gesta rerum*, ao Imperador Graciano, solicitando-lhe a expulsão dos heréticos, somando a acusação de magia³² à de maniqueísmo e fazendo subir a espiral de gravidade (pelo Direito romano, a acusação de magia permitia transferir o processo do âmbito eclesiástico para o da delinquência punível pela lei civil). A resposta do Imperador não se faz esperar. Todos os bispos “maniqueus”³³ devem ser desterrados.

Instâncio, Salviano e Prisciliano obedecem e viajam a Roma para se defenderem perante o bispo Dâmaso. Mas esta é também a viagem de pregação pelos Pirinéus e Aquitânia onde é espalhada a «*semente da heresia*», nomeadamente Eause, onde são aclamados. Em Bordéus o bispo Delfino recusa-se recebê-los, mas são acolhidos por Eucrécia, viúva do retórico Delfídio, e sua filha Prócula. Entusiastas do movimento, integram a comitiva junto com outras mulheres rumo a Itália (*Chron.*, II, 48, 1-4). Adesão que suscitará os mais baixos rumores e difamações.

Diante da comitiva vai uma carta dirigida ao bispo de Roma (*Livro ao Bispo Dâmaso*³⁴), com a defesa formal de Prisciliano, seu ponto de vista acerca da prática cristã e as suas visões teológicas sobre o dogma da Trindade. Inclui um protesto pela perseguição que lhe é votada por Hidácio e seus aliados. A rematar a carta, o comentário: “*O fruto da vida é ser estimado por aqueles que procuram a fé da verdade e não por aqueles que, sob o nome de religiosos, perseguem inimizades pessoais*”³⁵. Chegados a Roma, Dâmaso não os recebe.

-
- f) expulsão dos clérigos que abandonem o sacerdócio para se tornarem monges (Cán. VI);
 - g) interdição do título de doutor aos que não sejam considerados segundo o que está escrito (Cán. VII);
 - h) estabelecimento de que as virgens só podem tomar o véu depois dos quarenta anos, com a comprovação do bispo (Cán. VIII)

³¹ Idem.

³² Brox, N.: *Magie und Aberglaube in den Anfängen des Christentums*, *Trierer theologische Zeitschrift*, 83, 1974, 1954, p. 157. Funke, H.: *Maiestas und Magieprozesse bei Ammianus Marcellinus*, 10, 1967, p. 145 e ss.

³³ Blázquez, J.M.: *Religiones en la España antigua*, p. 410 e 411.

³⁴ *Livro ao bispo Dâmaso*, op. Cit. p. 109

³⁵ Ibidem

O bispo Ambrósio, que fecha-lhes as portas em Milão. Recorrem então ao poder secular, sendo recebidos por Macedónio, *magister officiorum* do Imperador, que dá razão aos priscilianistas e anula por decreto a ordem de desterro imperial e lhes restitui as igrejas.

De regresso à Península, o procônsul Volvêncio (*Chron.*, II, 49, 5-6), acusa Itácio de perturbar a paz das Igrejas (assunto da jurisdição civil) e chama-o a prestar contas. Itácio foge, refugiando-se junto do Prefeito da Gália, Gregório (*Chron.*, II, 49, 8-9) e protesta ao Imperador pelas subversões hispânicas, sem qualquer sucesso³⁶.

No ano 382 entabula-se a luta de influências nas altas esferas do poder romano entre partidários e inimigos de Prisciliano³⁷. Itácio envolve a seu favor homens influentes, como Ambrósio e Agostinho de Hipona.

E em 389 a História conhece um sombrio volt-face quando um general hispano, Máximo, num golpe de estado usurpa o trono imperial, estabelecendo-se em Tréveris (actual Alemanha). Aproveitando a ascensão de Máximo, Itácio expõe ao novo Imperador as suas acusações, com argumentos que o convencem. Com acordo de Dâmaso e Ambrósio³⁸ é realizado um julgamento eclesiástico em Bordéus. Entre os acusadores contam-se Martinho de Tours, Hidácio e Itácio.

Instâncio foi logo deposto da sua diocese (*Chron.* II, 49, 8-9). Enquanto decorre o julgamento, no exterior do tribunal a jovem discípula, Úrbica, é apedrejada até à morte. Prisciliano é forçado a lançar a sua última carta: invoca a *Ius Provocationis*, a requisição da jurisdição imperial (*Chron.* II, 49, 9). Os bispos remetem o seu caso para o Imperador, junto com o de Instâncio, entretanto já sentenciado.

Em Tréveris, Máximo constitui um tribunal onde o bispo de Ávila e os seus seguidores são sumariamente condenados. Felicíssimo e Arménio; o diácono Aurélio; o poeta Latroniano; o retórico Tiberino; Asarbo, e a viúva Eucrécia, todos colaboradores de Prisciliano, condenados à morte. Os bispos Higinio e Instâncio condenados ao desterro. A diocese da Lusitânia é acusada de heresia, e a de Córdova, acusada de cisma³⁹. Prisciliano é considerado culpado de práticas de magia, de práticas obscenas com mulheres e de rezar nu. Por isso é decapitado.

A lenda consagra a versão de que o corpo foi levado para a Hispânia, recebido com pompa e venerado como santo e mártir e sepultado em parte incerta⁴⁰, diz-se que em

³⁶ Blazquez, J.M.: *Religiones en la España antigua*, p. 414

³⁷ *Chron.*, II, 49

³⁸ Blazquez, J.M.: *Religiones en la España antigua* p.415

³⁹ Idem, J.M. Blazquez, *Religiones en la España antigua*

⁴⁰ Muitos defenderam que o túmulo atribuído a Santiago de Compostela seja, de facto dos restos mortais do mártir Prisciliano.

Compostela. A sua morte levantou protestos em todas as latitudes, incluindo de pagãos, pelo escândalo de que um homem piedoso e entregue ao culto de Deus tivesse sido condenado. Ambrósio, Martinho de Tours e o novo bispo de Roma, Sirício, demarcaram-se publicamente, depondo Itácio da sua sede de Faro (Ossónoba) e Hidácio afasta-se temporariamente da vida pública.

O movimento sobrevive às perseguições e as invasões dos suevos e visigodos, durante o período ariano. Mantem-se na Galiza e, apesar dos esforços dos sínodos de Turim (em 398), de Toledo (400), e de Braga (561)⁴¹, o priscilianismo continuou pelo menos até ao século VII⁴², altura em que deixa de ser mencionado.

Talvez seja o mesmo impulso que ressurgiu depois momentaneamente com Elipando⁴³ e Félix de Urgel, logo condenado pelo concílio de Ratisbona, presidido por Carlos Magno em 792 (um curioso paralelismo...), e que provavelmente inspirará a filosofia islâmica de Ibn Masarra (883-931)⁴⁴. Mas isso são outras histórias...

A Gnose de Prisciliano

O título desta comunicação é deliberadamente provocatório. Geralmente preferimos a designação “heterodoxia” para o movimento priscilianista. Isto deve-se à herança que a academia recebeu dos textos dos detractores como Irineu de Lyon (*Adversus Haeresis*), ou Tertuliano. Estes procuravam não tanto descrever objectivamente, mas mais precisamente atacar o partido oposto, distorcendo inevitavelmente objecto analisado. Mas o problema aqui não é esse. A questão é que na análise das fontes por parte dos detractores há um mal-entendido, proveniente de lógicas distintas: A ortodoxia define-se pela crença, pelo seu credo, mas a gnose define-se pela experiência, não estando vinculada a crenças tão estáveis e definidas no tempo. Esta incompreensão natural por parte da análise da ortodoxia ao usar as suas próprias ferramentas conceptuais para analisar o fenómeno gnóstico passou de algum modo para a academia até meados do século XX. Vemos isso no esforço titânico de descrever e caracterizar o gnosticismo como um “sistema” filosófico ou doutrinal.

No mundo clássico, o termo *gnosis*, designava conhecimento de experiência, ou percepção directa, por oposição a *èpistêmê*, conhecimento indirecto, teórico. Os cristãos gnósticos usaram o termo corrente, *gnosis* para designar experiência da

⁴¹ Piñero, Antonio: *Los Cristianismos Derrotados*, Edaf, p.268

⁴² Idem

⁴³ “Repercusiones del priscilianismo y sabelianismo en el conflicto adopcionista”, por María Dolores Verdejo Sanchez, in “*Actas do Congresso de Estudos da Comemoração do XIII Centenário da Morte de S. Frutuoso, Bracara Augusta* (Revista da Câmara Municipal de Braga), 1968

⁴⁴ Garaudy, Roger: *Prisciliano – Ibn Masarra*

plenitude (pleroma) e do Todo Uno. Michael Allen Williams, na sua obra “Rethinking Gnosticism, desmonta alguns (pre)conceitos, mostrando que existe uma gnose nos textos canônicos como nos de Nag Hammadi; gnosés dualistas e gnosés monistas (ou ambas simultaneamente), e que a gnose não se prende com nenhum sistema filosófico fixo.

As referências de Prisciliano não se afastam das correntes na Igreja geral. Não fala de demiurgos, arcontes, ogdóadas... Mas observando com mais atenção, o uso que faz das imagens e passagens bíblicas, parafraseando recorrentemente Paulo, é bastante distinto. Prisciliano defende a leitura alegórica das escrituras sagradas, tal como Orígenes⁴⁵, descrevendo a transfiguração (*Metamorphosis*), que permite a realização da veste gloriosa, *soma psychikon*, veículo e capacidade da alma imortal.

Os Tratados apresentam uma visão que tem paralelo em Clemente de Alexandria, Orígenes, Valentino. O entendimento alegórico já era defendido por Filon⁴⁶, Clemente e Orígenes⁴⁷, entre outros. Prisciliano, advoga um processo de transformação espiritual e corporal que não pretende uma fuga ou alienação deste mundo, mas uma encarnação do espírito “até ao fim...”. Essa santificação inicia com uma “guerra santa” no campo de batalha da consciência, entre a luz e a obscuridade: *«Aquele que conhecer (...) vencerá em si, com esforço disciplinado, os lugares, os reinos e as regiões dos vícios; e, ainda que compreendendo que o profetizado se refere a Deus, reconhecerá, contudo, que o profetizado também determina um modelo de vida, já que viemos para estar neste mundo desde o princípio até ao fim e, tal como nos perdemos unidos nos caminhos da maldade, também unidos na fé e na correção nos salvamos.»*⁴⁸.

O sentido do que está nas “regiões”, nas “passagens” e nos “reinos” divinos, na prática. As escrituras são para Prisciliano manuais de iniciação cristã: não *para memória do século*, através da leitura literalista, como relatos históricos, mas através da interpretação, tornando as descrições evangélicas em símbolos daquilo que se tem de realizar em si mesmo:

⁴⁵ *Origène est-il la source du charisme?* p 1-11

⁴⁶ Filon de Alexandria (20 a.C. – 50 d.C), fala de trampolins da *alegorese*, dado que a revelação divina revela mistérios incorpóreos, para os quais o sentido corporal é inadequado. (*De Vita Contemplativa*, 78)

⁴⁷ Orígenes, distingue três níveis de leitura das escrituras: 1- o *Literal* 2- o *Moral*; 3- o *Espiritual*. Os mais próximos das coisas sensíveis, atêm-se ao sentido literal; os mais avançados alcançam o sentido psíquico; e os cristãos perfeitos, que já desfrutaram das alegrias místicas do espírito, encaminham-se também para o sentido pneumático do texto sagrado.

⁴⁸ *Tratado ao Povo II*, op. cit, p. 60.

“Com efeito, a enfermidade do intelecto humano obriga o sermão profético a procurar as aparências das coisas como símbolos das virtudes superiores”.⁴⁹ E as escrituras de modo a que “o sentido de Deus, mostrando as coisas invisíveis, através das visíveis, falasse, através das palavras mais adequadas à inteligência humana, de forma a que o homem (...) avançasse na compreensão”⁵⁰.

Prisciliano parte do concreto para o abstracto, de modo a despertar a compreensão das coisas inacessíveis ao “intelecto enfermo” através do sentimento religioso e da abertura dos sentidos a “aquilo que Deus procura em nós”:

“Visto que a significação das coisas visíveis não compreende (...) a propriedade das coisas, a revelação dos tempos e a compreensão da natureza em nós disposta, não sendo lícito fazer qualquer comparação das coisas terrenas com Deus, uma vez que toda a escritura carece de interpretação, e que a debilidade da inteligência humana obriga a inquirir as aparências como sinais das coisas mais elevadas, para que, atentos ao costume das coisas sensíveis, se edifique o sentimento religioso que compreenda as coisas invisíveis, é para nós necessário estender perante vós a nossa humilde palavra até ao que é inenarrável, para que, quando consideremos algo visível na lei de Deus, não pensemos que isso seja Deus. De facto, toda a palavra é coisa dos sentidos, mas desde que conheçamos a natureza da nossa condição, os sentidos, inteligendo-se a eles mesmos, proferirão aquilo que Deus procura em nós, segundo a disposição da palavra imperiosa.⁵¹”

Prisciliano preconiza a existência de duas ordens de natureza no homem. A natureza mortal, que se encontra activa, e a natureza imortal (“o divino que habita em nós”), em estado potencial, latente. A natureza mortal em si mesma não é maligna, mas no estado de ignorância permite que predomine um estado de “pecado”. O *Tratado VI, do Êxodo*, exorta a que *“que se rejeite o pecado que obra no corpo mortal, para que “mostrando a Deus tudo o que há em si, se crucifique com a correcção do corpo, para que seja destruída a obra do mundo, e para que reconheça que há que oferecer a Deus o que há de imaculado no homem (...) porque o divino habita em nós”⁵²*

O “combate” interior visa vencer “o pecado que obra no corpo mortal”, para libertar “o divino que habita em nós”. Mas já lá iremos. A soteriologia de Prisciliano associa a “queda” à (in)consciência discriminativa, que separa e fragmenta a realidade do

⁴⁹ Op. Cit. p. 157

⁵⁰ Idem p. 156

⁵¹ *Tratados – Estudo e Tradução de Ricardo Ventura, Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 137*

⁵² *Tratados – Estudo e Tradução de Ricardo Ventura, Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 141*

Todo, e se apegava à ilusão. Parafraseando Paulo, afirma que o homem foi *iludido pela natureza demoníaca dos ídolos* e confundiu a “*disposição das obras divinas, dividindo-as em lugar, tempo, numero, dia, mês, ordem, enquanto, introduzindo famílias de deuses incertos, escreveu o nome incomunicável de Deus em dias, meses, bestas, aves, madeiras, pedras e, desta fé, surgiu a guerra, como se as criaturas adorassem formas visíveis nos elementos terreares e celestes, tendo abandonado Deus. Sobre estes diz o apóstolo: ‘desvaneceram-se nas suas cogitações e o seu coração insano obscureceu-se e trocaram a glória de Deus incorruptível pela semelhança da imagem do homem corruptível’ (...)*”⁵³.

O obscurecimento consiste na perda da glória incorruptível, substituída pela imagem corruptível. A “*figura do mundo*”, *homem velho*” – *ainda que tenha sido criada pela mão de Deus, (...) ao participar do barro, embotou a “linhagem divina” dos homens com as armadilhas da habitação terrena, dividindo-se em dias, em tempo, em anos, e em meses e dividindo tudo o que existe debaixo do sol pela natureza dos vícios, dizendo o profeta: “o corpo que é corrompido torna a alma mais pesada e a morada deprime o espírito” (...)*”⁵⁴.

A mensagem de Prisciliano é mais otimista do que parece à primeira vista: “*Tudo o que aconteceu e acontece foi manifestado para a salvação dos homens*”. Mas o bispo de Ávila faz finca-pé em que o homem comum não possui a capacidade de veicular a compreensão e discernimento, e muito menos a realização da sua natureza plena:

“*O homem vivente não percebe as coisas que são do espírito de Deus; na verdade nem pode perceber; para ele é estultícia e não pode discernir; o homem espiritual, por outro lado, discerne tudo e, todavia, não é discernido por ninguém (...). Os que são da carne, sabem as coisas que são da carne, os que são do espírito sabem as coisas que são do espírito; e a prudência da carne é a morte, por outro lado, a prudência do espírito é a vida e a paz*”⁵⁵.

A eternidade no tempo é possível pela “*renovação no espírito da mente*”. “*Sabemos que a lei é espiritual e nós, porém, somos carnais, vendidos ao pecado; esforçando-nos, reunindo as coisas espirituais com as coisas espirituais, assim como carregamos a imagem de lama, quando vencidos pelos erros andávamos em pecado, carreguemos a sua imagem, que é a do céu, e despojando-nos dos costumes anteriores do velho homem que se corrompe pelas concupiscências do engano, renovar-nos-emos no*

⁵³ Idem p. 142

⁵⁴ Op. Cit. p. 139

⁵⁵ Idem. 98

*espírito da nossa mente, vestindo o novo homem*⁵⁶, que foi criado segundo Deus, na santidade, na justiça e na verdade. Sabemos também e reconhecemos que somos feitura de Deus para as boas obras, as quais Deus preparou para que nelas andássemos”.

Pela renovação é criada uma nova “estrutura mental”, capaz de veicular as coisas espirituais e ver a realidade por trás da ilusão dos sentidos:

*“Todas as coisas foram tornadas figuras e levadas a mostrar-nos a nossa imagem, para que o esforço do trabalho ilumine, através do conhecimento (...), aqueles que antes a ignorância velava nas trevas. (...) para que sigamos não as coisas que vêm os nossos olhos, mas sim as que vê a mente, dedicando-nos não às coisas corporais, mas sim às espirituais*⁵⁷”.

A revelação apoia uma mudança fundamental. O candidato à santificação agora “vê” e manifesta através de actos a outra acepção de vida. Deste modo, reveste-se do Novo Homem e a luz do Espírito dissipa a ignorância:

*“Despindo de vós o velho homem (...), vesti em vós o novo homem. Entrando na obra das lições lidas pela compreensão das virtudes espirituais, preparai em vós o céu e a terra do Senhor, tal como está escrito: os céus são o céu do Senhor. Dizendo Deus (...): sede a minha terra livre. Para que, dissipada a escuridão da ignorância, se exclame em vós: “faça-se luz”, tal como está escrito: “iluminar, iluminar Jerusalém”, e, corrigida a treva do corpo corruptível, estabelecida em vós a luz do Espírito Divino, sejais chamados “dias do Senhor”*⁵⁸.

No latim bárbaro de Prisciliano, resplandece todo um firmamento conceptual gnóstico. Cristo para Prisciliano é: a) “a origem de todas as coisas; b) é todo em si mesmo e não se limita a nenhuma parte, sem começo, sem fim; c) é (...) uno na totalidade⁵⁹”. Essa origem infinita e una, encontra-se no interior de cada ser humano em potencial e, se o combate atrás referido, for levado a cabo com sucesso, pode “nascer” e manifestar-se no iniciado cristão: a) “retomada em nós a natividade de Cristo; b) se sabemos que Cristo é o princípio de tudo e reconhecemos que o homem é o habitáculo de Cristo; c) preparemos uma morada digna de tal inquilino”⁶⁰).

A imagem do combate é também por vezes substituída pela da limpeza: “Como diz o apóstolo: cingi os flancos da vossa mente, sede sóbrios, acreditai plenamente naquele

⁵⁶ O sublinhado é nosso

⁵⁷ Op. Cit. Tratado do Salmo Terceiro p. 151

⁵⁸ Op. Cit., p. 134

⁵⁹ Op. Cit., p. 138

⁶⁰ Tratado do Salmo Primeiro. Cit. em Ventura, Ricardo: Tratado I, Livro Apologético, Op. Cit., p. 147

em que fostes selados pelo espírito. E, como que limpando a casa, preparai o habitáculo da vossa carne, dignificando-o⁶¹”. Mas visa sempre o nascimento do Cristo, o *Todo em si mesmo*, entregando-se assim, num anelo ardente à realização da sua própria natureza divina:

“(…) *Que aquele que reconheça (...) que o que Cristo venceu na paixão foi escrito para nosso ensinamento, brilhe no útil e necessário caminho (...). Este assumirá assim a boca de Deus, a couraça da justiça, o elmo da confiança, o escudo da equidade e, como está escrito, a espada de dois gumes. Vestido com as armas da fé, incendiado pelo anelo de um ânimo ardente, rompidos os laços do século, entregar-se-á, por fim, à natureza divina de onde proveio, isto é, Deus Cristo, de cuja imagem é simultaneamente devedor e testemunha*”⁶².

O Tratado da Páscoa descreve-se a transformação processual por etapas. Os sublinhados são nossos. *Na verdade, aquele que, nas obras de Cristo,*

- *primeiro preenche o dia com o conhecimento de si mesmo e,*
- *segundo, situa-se correctamente na sua posição,*
- *aprende por conseguinte, a base de todos os mandamentos, de tal forma que,*
- *fecundado pelo verbo do Senhor,*
- *“lavrando na esperança e colhendo os frutos da sua fé”,*
- *cresce em glória e obra, reformando em si a Igreja do Senhor,*
- *Nesta fé, também vós como pedras vivas, sereis edificadas em casas espirituais, (...)*
- *renascidos não de uma semente corruptível, mas de uma semente incorruptível, pelo Verbo de Deus Vivo e permanecendo na eternidade”,*
- *para que, convertidos em sábado do Senhor⁶³, não deveis nada ao século, mas descanseis em Cristo”.*

A imagem do combate é comum a vários textos sagrados. O clássico Mahabarata, descreve o divino Krishna e o homem Arjuna, situados no meio de um campo de batalha. A batalha descrita nos Tratados é “*feita de combates quotidianos em que a*

⁶¹ Tratado I, Livro Apologético, Op. Cit., p. 144

⁶² *Tratado ao Povo II*, Op. Cit., p. 155

⁶³ pág. 135

*carne cobiça contra o espírito e o espírito contra a carne*⁶⁴”. É necessário que o combatente⁶⁵, “*se esforce na obra da inteligência divina e contemple em si mesmo a guerra dos seus desejos e despreze os erros da fraqueza humana. Assim, vencendo as duas sírias (isto é, os dois princípios do pecado, dos quais um se exerce sobre alma e outro no corpo, quando se quer ou faz alguma coisa no século), vestido, tal como está escrito, com as armas da fé, este ostentará o triunfo sobre os vícios e merecerá a imarcescível coroa*⁶⁶”.

E assim, “*Conheçamos em nós mesmos que, enquanto em ambos os testamentos se busca o homem perfeito com a carne e o espírito (...), o velho testamento institui o ensinamento para purificar o corpo para Deus, enquanto o Novo se encarrega do ensinamento sobre a alma*⁶⁷. [

Este desenvolvimento é levado a cabo pela vontade identificada com a vontade divina em si mesmo: “*A perfeição do bem é a glória, se a purificação do corpo se praticar como fruto da vontade divina, tal como o apóstolo diz: (...): “assim como carregámos a imagem daquele que é de lama, carreguemos a imagem daquele que é do céu*”⁶⁸.

Completa-se pois a mudança fundamental, corpórea: a substituição da forma do erro e dos vícios, pela nova vida. Para que a *natureza corporal (...), corrigida necessariamente pela lei do Velho Testamento e oferecida ao Tabernáculo de Deus (...), não deva nada aos dias e aos tempos, mas, tal como a carne de Cristo, tornada consorte do corpo virginal, pereça frente ao Senhor a forma de pecado que nela obra e morra como na cruz de Cristo, como o “cordeiro perfeito e imaculado”, com a abolição completa dos vícios; tal como o apóstolo disse: “com Cristo sou crucificado mas vivo, não já eu, mas Cristo vive em mim*”⁶⁹. [Porque], “*quando se ofereça a Deus em holocausto, conhece então que a Páscoa é o seu Cristo imolado*⁷⁰”. Daí que o iniciado se torna “*Páscoa do Senhor e é regenerado no Novo Testamento e assemelhado ao corpo de Deus*⁷¹”.

Temos, portanto uma morte, não literal, mas do “*corpo de pecado*⁷²”, resultante da entrega perfeita. Morte e ressurreição mas também construção do templo do seu próprio Ser - sabendo o que demolir e o que guardar: “*E o próprio homem,*

⁶⁴ *Tratado ao Povo II*, Op. Cit., p. 157

⁶⁵ p. 157

⁶⁶ p. 157

⁶⁷ p.139

⁶⁸ idem

⁶⁹ Op. Cit, *Tratado do Êxodo*, VI, p. 139-140

⁷⁰ ibidem

⁷¹ Idem, p. 140

⁷² idem

distinguindo-se, mostrando a Deus tudo o que há em si, importa que se crucifique (...) para que seja destruída a obra do mundo e para que reconheça o que há que oferecer a Deus e o que há de imaculado no homem, que há que guardar, porque Deus habita em nós. Então (...) perfeitos de corpo, alma e Espírito (...) cumpramos o que está escrito e que Paulo disse: se exposésteis os vossos membros para servir a impureza e a iniquidade, apresentai agora os vossos membros para servirdes a justiça para a santificação”⁷³.

Portanto, pela acção prática : *“Deus é testemunha de si mesmo no Homem (...). Querendo que fôssemos consortes da natureza divina, distinguiu em nós corpo, alma e espírito, numa observação triforme (...), para que reformados no espírito (...) entremos na (...) Páscoa celestial, despertados da morte”⁷⁴.*

Corpo, alma e espírito. A morte em Cristo implica a ressurreição, o despertar de um sono de morte para a vida. “Consorte no espírito”, torna-se testemunha dos processos que se desenrolam em si próprio: *«Marcamo-nos com a testificação da divina paixão para que, caminhando nós “na novidade da vida e não na velhice da letra”, o corpo que recebemos pela vitória não se chame já “terra do século”, mas “casa de Deus” (...) “imagem do Corpo de Cristo”»⁷⁵.*

Está consumada a construção do corpo alma, “*casa de Deus*” e “*imagem do corpo de Cristo*”.

*«Quero libertar e ser libertado,
Quero salvar e quero ser salvo,
Quero criar [e ser criado],
Quero cantar [e ser cantado]
Dançai todos juntos!
Quero chorar, aplicai-me todos vós os vossos golpes,
Quero ornar e ser ornado,
Sou candeia para ti, que me vês,
Sou porta para ti, quem quer que sejas tu que bates,
Com o verbo todos iludi, e não sou iludido em coisa nenhuma»⁷⁶*

⁷³ Op. Cit., pág.141

⁷⁴ Op. Cit., pág.137

⁷⁵ Op. Cit. pág.144

⁷⁶ O cântico parece ser uma versão adaptada dos *Actos de João* (Nag Hammadi), aparece numa carta de Santo Agostinho (epístola CCXXXVII) ao bispo Cerécio, onde se afirma que é cantado pelos priscilianistas nas suas celebrações, e que estes diziam ter sido ensinado por Jesus aos Apóstolos no cimo do Monte (referência a *Mateus* 26, 30).

REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

- *Bíblia Sagrada*, 3.^a ed., Fátima, Difusora Bíblica, 2001.
- *Maniqueísmo (el): Textos y Fuentes* (Ed. e Trad. de Fernando Bermejo Rubio, José Montserrat Torrents); Madrid, Trotta, 2008
- *Nag Hammadi Scriptures*; James Robinson, NY, Harper Collins, 2007
- *Nag Hammadi (Biblioteca de)* (dir. António Piñero, José Torrents e Francisco Bazán), Madrid, Trotta, 1997. || *O livro secreto de João e outros textos gnósticos*; Lisboa, Ésquilo. *Evangelhos Gnósticos*, Lisboa, Ésquilo. *A Revelação de Pedro*; Lisboa, Ésquilo.
- *Patrologiae Latinae* (J.-P. Migne), Turnholt, Brepols.
- PRISCILIANO, *Tratados de Prisciliano* (trad, Ricardo Ventura); Lisboa, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005
- PRISCILIANO, *Tractatus de Würzburg, Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, CSEL, XVIII, 106; PL-S, II, 1413-1483*
- SEVERO, Sulpício, *Obras Completas* (est. trad. e not. Carmen Codoñer), Madrid, Tecnos, 1987
- SEVERO, *I Chronica Di Sulpicio Severo. Saggio Storico-critico Collezione "Amici delle Catacombe."* vol. 24 (trad. Serafino PRETE), 1955

Fontes secundárias:

- AAVV, *Cristianismo Primitivo e Religiones Místicas*, Madrid, Cátedra, 1995.
- AAVV, *Enciclopédia Einaudi – Mythos / Logos ; Sagrado / Profano*, Lisboa, IN-CM, vol. 12, 1987.
- AAVV, *Orígenes del Cristianismo – Antecedentes y primeros pasos* (dir. Antonio Piñero), Madrid, Ediciones Almendra / Universidad Complutense, 1991.

- BABUT, E. Ch., *Priscillien et le Priscillianisme*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1909.
- BIANCHI, Ugo, *Prometeo, Orfeo, Adamo – Tematiche religiose sul destino, il male, la salvezza*, Roma, Edizioni dell'ateneo & bizzari, 1976.
- BLAZQUEZ, J.M.: *Religiones en la España antigua*, Madrid, 1991, p. 378,
- BROEK, Roelof van den; *Gnostic Religion in Antiquity*, Cambridge; Cambridge University Press; 2013
- CANEDA, Ramon Lopes, *Prisciliano – Su Pensamiento y su Problema Historico*, Santiago de Compostela, Cuadernos de Estudios Gallegos, 1966.
- CHADWICK, Henry, *Priscillian of Avila*, Oxford, Claredon Classics, 1976.
- CORTESÃO, Jaime, *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal*, 3.^a ed., Lisboa, Horizonte, 1978.
- D'ALÉS, Adhemar, *Priscillien et L'Espagne chrétienne à la fin du IV siècle*, Paris, Gabriel Beauchesne et Fils, 1936.
- DANIELLOU, *Histoire des doctrines chrétiennes avant Nicée*, I – *Théologie du judéo-christianismo*, Tournai, 1958; II – *Message évangélique et culture hellénistique*, Tournai, 1961.
- DOMINGUEZ, Xosé Leyra, *Xacobe e Prisciliano*, “A Fraga”, Vigo, Ir Indo, 1997.
- FAVRE, François; *Mani, Christ d'Orient, Bouddha d'Occident*; Strasbourg, Editions du Septenaire, 2001
- ESCRIBANO PAÑO, Maria, *Iglesia y Estado en el certamen priscilianista. Causa ecclesia y Iudicium publicum*, Saragoça, Universidad de Saragoça, 1988.
- FABIÃO, Carlos, «Prisciliano», in *História de Portugal* (dir. João Medina), Alfragide, Ediclube, vol. III. O Mundo Luso-Romano (coord. Victor Gonçalves), 2004, pp. 239-241.
- FIERRO, Daniel, *Prisciliano – Mártir Apócrifo*, Madrid, Breogan, 1985.
- FONTAINE, Jacques, “Panorama espiritual del Occidente Peninsular en los siglos IVº y Vº: Por una nueva problemática del Priscilianismo”, in *Primera Reunion Gallega de Estudios Clásicos* (org. M. C. Diaz y Diaz), Santiago de Compostela, Universidad de Compostela, 1981, pp. 185-209; *Culture et*

- Spiritualité en Espagne du IVe au VIIe siècles*, Londres, Variorum Reprints, 1986.
- GOMES, Pinharanda, *História da Filosofia Portuguesa - Patrologia Lusitana*, Lisboa, Guimarães Editores, 2000
 - G. BARDY, «Monarchianisme», in *Dictionnaire de Théologie Catholique* (dir. A. Vacant *et al.*), Paris, tomo X, 2.ème partie, 1929, pp. 2193-2210
 - JAEGER Werner; *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*; Lisboa, Edições 70, 2001
 - JONAS, Hans, *La religión gnóstica* (trad. Menchu Gutiérrez), Madrid, Ediciones Siruela, 2000
 - LOSCERTALES, J. M. Ramos, *Prisciliano, Gesta Rerum*, Salamanca, 1952.
 - MADOZ, José, «Arrianismo y Priscilianismo en Galicia», in *Bracara Augusta*, volume VIII - Fascículos 1-2 (35-36), Janeiro-Junho, 1957, pp. 68-87.
 - MARTINS, Mário, *Correntes da Filosofia Religiosa em Braga, nos séculos IV a VII*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950.
 - MATOS, Albino de Almeida, *Hinos do Temporal Hispânico – até à invasão muçulmana*, Coimbra, 1977; “Priscilianismo ou não? – Resposta ao Prof. Rosado Fernandes”, in *Revista da Faculdade de Letras de Aveiro*, n.º 1, 1984, pp. 289-308; “Prisciliano visto através dos seus escritos”, in *Revista da Faculdade de Letras de Aveiro*, n.º 2, 1985, pp. 7-38.
 - MATTOSO, José, *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores; *Naquele tempo – Ensaio de História Medieval*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000; *A Identidade Nacional*, “Cadernos Democráticos”, Lisboa, Gradiva, 1998.
 - MENÉNDEZ Y PÉLAYO, M., *História de los Heterodoxos Españoles.*, I - España romana y visigoda, Madrid, B.A.C., 1965. Também em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01361608688915504422802/index.htm>
 - MORENO, Garcia L; *Teodosio y la Galaecia. Historia de una aristocracia tardorromana*, Congresso Internacional La Hispania de Teodosio, vol. I
 - MORIN, D. G., «Pro Instantio. Contre l’attribution à Priscillien des opuscles du Manuscrit de Würzburg», in *Revue Bénédictine*, XXX, 1913, pp. 153-173.

- MURGUÍA, Manuel, *Historia de Galicia* (fac-símile da edición de Corunha, 1905), Bilbao, 1979.
- PAGELS, Elaine; *Os Evangelhos Gnósticos*; Porto, Via Óptima, 2004
- PAGELS, Elaine, *The Gnostic Paul*, Harrisburg, Trinity Press Internacional, 1992.
- PEARSON, Birger, *Gnosticism, Judaism and Egyptian Christianity*, Minneapolis, Fortress Press, 1990.
- PEREIRA, José Eduardo Lopez, *Prisciliano de Ávila y el Priscilianismo. Desde el siglo IV a nuestros días: Rutas bibliográficas*, Santiago de Compostela, in “Cuadernos Abulenses”, n.º 3, 1985.
- PIÑERO, Antonio; *Cristianismos Derrotados*, Edaf, p. 263
- REGO, Xosé Chao, *Priscilliano – Profeta contra o poder*, Vigo, Edicións A Nosa Terra, 1999.
- RISCO, Vicente, *Manual de Historia de Galicia*, 4.^a ed., Vigo, Editorial Galaxia, 1978; *Satanás – Historia del Diabo*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1985.
- RUNCIMAN, Steve, *The Medieval Manichee*, Cambridge, University Press, 1969.
- SILVA, Lúcio Craveiro da, «Consulta de Orósio a S. Agostinho acerca do erro dos priscilianistas e origenistas» (comentário e tradução), in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 55, 1999, pp. 543-558.
- SILVA, Paula Oliveira e, “Prisciliano, o priscilianismo e os seus críticos”, in *História do Pensamento Filosófico Português* (org. Pedro Calafate), vol. I, Lisboa, Caminho, 1999, pp. 87-106.
- SIMÕES, Margarida Barahona, *Prisciliano e as Tensões Religiosas do Século IV*, Lisboa, Universidade Lusíada, 2002.
- STROUMSA, Gedaliahu, *Another Seed: Studies in Gnostic Mythology*, Leiden, Brill, 1984.
- SLAVENBURG, Jacob; *A Herança Perdida de Jesus*; Lisboa, Marcador, 2012
- TRESMONTANT, Claude, *La Métaphysique du Christianisme*, Paris, Éditions du Seuil, 1961.

- WILLIAMS, Michael Allen, *Rethinking “Gnosticism” – An argument for dismantling a dubious category*, Princeton, Princeton University Press, 1996.

COMPARANDO O INCOMPARÁVEL? REINO E RESPONSABILIDADE SOCIAL NO *EVANGELHO DE TOMÉ*

Joaquim Franco (Licenciado e mestrando em Ciência das Religiões na ULHT)

Resumo

O século XX revelou arqueologicamente a importância das comunidades gnósticas nos primeiros anos do seguimento de Jesus de Nazaré, quando o cristianismo se constituía.

O trabalho da crítica histórica, de exegese e hermenêutica, dos textos de Nag Hammadi vai sendo desenvolvido a par do surgimento ou recuperação de dinâmicas religiosas que reivindicam uma herança místico-gnóstica, o que é visto com desconfiança pelas instituições religiosas instituídas e de doutrina fixada.

Uma das dimensões do debate é sobre a noção de responsabilidade social, ou a inexistência deste, no gnosticismo cristão. Sugere-se aqui uma linha de investigação, que, pelo Evangelho de Tomé, se revela ter uma base mínima de sustentação.

Palavras-chave: Responsabilidade, Social, Reino, Gnose, Tomé

Abstract

The twentieth century archaeologically proved the importance of Gnostic communities in the early years of Jesus following, at the beginning of Christianity.

The work of historical criticism, exegesis and hermeneutics, at the Nag Hammadi texts, is being developed alongside the emergence or recovery of religious dynamics that claim a mystical Gnostic heritage, which is viewed with suspicion by the established religious institutions and the established doctrine of Christianity.

One dimension of the debate is about the notion of social responsibility, or lack thereof, in Christian gnosticism. It is suggested here a line of investigation that the Gospel of Thomas, is revealed to have a minimum base of support for this debate.

Keywords: Responsibility, Social, Kingdom, Gnosis, Thomas

Introdução

Na tradição exegética cristã, Jesus Cristo fecha o ciclo bíblico. Muitos exegetas e historiadores cristãos usam os termos Primeiro Testamento e Segundo Testamento, em vez de Antigo e Novo, porque entendem haver uma continuidade histórica e teológica. Os Padres da Igreja reuniram quatro evangelhos canônicos – Mateus, Marcos, Lucas e João –, mas deixaram de fora, outros textos com relatos da vida de Jesus – os apócrifos, ou seja, «escondidos». Com esta decisão, «filtrou-se» a doutrina. Outras correntes, filosoficamente e culturalmente distintas, ficaram fora do Livro dos livros dos cristãos, sob pretexto de serem heréticas.

Se o seguimento de Jesus começou na pluralidade, esta seria uma contingência de todos os tempos. Há historiadores que entendem a intromissão do Imperador Constantino como o primeiro passo no fim do «seguimento», para se dar início à era de uma nova religião. O «mundo» romano e grego, assimilando culturalmente a tradição bíblica – já influenciada pela cultura religiosa mesopotâmica e egípcia –, revogaria a tradição e assumiria o monoteísmo. Na sequência, este monoteísmo esqueceria mais tarde a sua origem plural e acentuaria o fundamentalismo teológico, pontuado pela filosofia – Agostinho, Aquino, Anselmo... –, entre a Razão e a Fé/Revelação, entre Atenas e Jerusalém, mas frágil quando cruzado com as estruturas de poder político. Se o pensamento grego, na sua conceptualização filosófica, confrontava o Uno com o Múltiplo, problematizando e perspetivando a interrogação, o valor da Revelação e o conceito da Redenção cristã emergiram das catacumbas para fazerem o caminho de um convicto proselitismo. A escola filosófica de Alexandria terá contribuído também para este processo, com famosas palestras filosóficas sobre o cristianismo, a justificar o Evangelho.

Nos séculos I e II da era cristã, o gnosticismo polvilhava já pela Ásia e Médio Oriente, uma corrente que tinha como base as filosofias ditas «pagãs», que floresciam na Babilónia, Egito, Síria e Grécia, que combinavam alguns elementos da Astrologia, dos mistérios das religiões gregas, bem como, numa última fase, a neo-doutrina do Cristianismo. Num sentido mais abrangente e sintetizado, era a crença na salvação pelo Conhecimento. Com uma mitologia agregada, esta salvação implicava virar as costas ao mundo, numa visão mais «maniqueísta», com a rendição absoluta ao espírito. Segundo a doutrina gnóstica, Jesus surgiu como uma espécie de enviado especial, atravessando as trevas, para transmitir o Conhecimento secreto (*gnosis*), libertar os espíritos, presos no mundo material terreno, e conduzi-los a um mundo

espiritual mais elevado. Não é difícil imaginar o que representariam, nesta corrente, os “ditos” – frases e ideias construídas – de Jesus.

Descobertas

Em 1945 foi encontrada casualmente uma autêntica «biblioteca» gnóstica em Nag Hammadi, no Egito. Reunia alguns textos contemporâneos dos primeiros séculos de evangelização, importantes para caracterizar o movimento gnóstico cristão, que tiveram impacto local no pensamento religioso e filosófico na bacia do Mediterrâneo, até ao século IV. Entre estes textos estava o denominado *Evangelho de Tomé*, apresentado de forma sensacionalista como “o quinto evangelho”. Trata-se de um manuscrito copta, com fragmentos de várias idades. A compilação terá sido feita por volta do ano 140, embora se admita a hipótese de ter sido baseado, ou estar muito próximo, do mesmo material primitivo que terá servido de fonte aos evangelhos canónicos – os historiadores e exegetas chamam-lhe a fonte *Q*. Eusébio, bispo de Cesareia, que num primeiro momento do Concílio de Niceia (325 d.C.) apoiou os heréticos arianos, chegou a mencionar o *Evangelho de Tomé*. Como coleção de «ditos», o *Evangelho de Tomé* revela evidente influência gnóstica. Terá, simultaneamente, feito escola entre os gnósticos e fornece importantes dados para a história das primeiras comunidades cristãs.

O *Evangelho de Judas*, outro texto gnóstico, foi descoberto em 1978 e revelado pela *National Geographic*. Data, provavelmente, também do século II. Nele, o discípulo traidor afinal é o que melhor compreende o mestre. Neste evangelho lê-se: “*Tu serás mais que todos eles, pois o corpo que eu levo (ou do que estou revestido), tu o sacrificarás*”(p. 56, 10). Os gnósticos terão interpretado de outra forma a história do discípulo que traiu o mestre. Significaria que Judas entregou o mestre à morte certa para que o mestre pudesse libertar o espírito, livrando-se do invólucro carnal, do corpo. Esta versão define a forma como os textos evangélicos foram usados consoante a intencionalidade. A tradição transformou o mesmo episódio de Judas no exemplo da infidelidade e ingratidão. Para tal, terá contribuído sempre a intenção catequética. Se nos evangelhos sinópticos de Mateus e Lucas, Judas é relacionado com a cobiça, tomado por Satanás, o de Marcos relaciona-o com o Antigo Testamento, com o aparente objetivo de reforçar a interpretação profética do messias. Ao por na boca de Jesus a frase “um de vós há-de entregar-me, um que come comigo” (Mc 14, 18), o Evangelho de Marcos relaciona o episódio de Judas com um Salmo: “até o meu

amigo íntimo, em quem eu confiava e que comia do meu pão, até ele se levantou contra mim” (Sl 41, 10).

As «categorias» do Reino

Na tradição gnóstica, procuravam “os segredos sobre a espiritualidade, sobre a sua anterior existência no mundo dos espíritos, antes de terem encarnado em seres humanos de carne e osso” (1), lembra o investigador Kenneth Hanson. Os gnósticos gravitavam sobre a ideia de um Deus incompreensível, além da capacidade de compreensão humana. Não existindo de maneira a ser apreendido humanamente, emana a sua Presença Divina no mundo da matéria. Neste contexto, desenvolveram também uma mitologia. As derradeiras emanações de Deus passariam pela Sabedoria – personificada na *Sophia* -, exilada e à procura do regresso ao «alto», através de um «conhecimento» acessível a todos, apropriável pela Palavra - *Logos* -, a qual tem em Jesus a respetiva emanação. Jesus seria o «caminho» para a «fonte divina». Neste percurso, a «procura» é sobretudo pessoal, interior a cada homem. O mundo material secundariza-se para privilegiar a busca espiritual da «verdade» libertadora. O mundo material, gnosticamente falando, promove a alienação, vedando o vislumbre da «centelha divina» que existe em cada ser humano, caído e á espera de ser «resgatado», de ele próprio reacender a «chama» que iluminará esse caminho. Sobre esta dimensão mais, digamos, «individualista», ou menos «comunitária» do gnosticismo, sem responsabilidade social, se dedicará uma reflexão mais à frente.

O *Evangelho de Tomé* reforça a visão de um Reino dos céus, “despida do sentimentalismo religioso” (2). Não se trataria de uma esperança remota, num futuro não datável, mas uma realidade presente, embora apenas para aqueles que se conhecem e descobrem a «natureza divina»:

“Se os vossos guias vos disserem: Olhai, o Reino está no céu, então os pássaros do céu vos precederão. Se vos disserem: está no mar (*thalassa*), então os peixes vos precederão. Mas o reino está dentro de vós e está fora de vós. Quando vos chegueis a conhecer a vós próprios, então sereis conhecidos e sabereis que vós sois os filhos do Pai vivente. Mas se vós não vos conhecerdes, então ficareis na pobreza, e sereis a pobreza” (dito 32, 3)

Contextualizando, cruzamos e depuramos alguns aspetos dos vários significados do Reino de Deus, pela categorização de Sanders (3): As pessoas esperavam e podiam entrar no Reino se tivessem uma vida justa; O Reino de Deus chegara com o próprio

Jesus, que estaria convencido “de que as coisas mais importante já estavam a acontecer”; O Reino estava no futuro, mas também nas palavras e atos de Jesus; Nada nem ninguém pode trazer o Reino e nem Jesus pode atribuir-lhe lugares no mesmo; Jesus não esperava qualquer Reino, apenas o anunciava - “o Reino de Deus já está entre vós”; O Reino implicaria uma reforma política e social para repor o poder de Israel; Na maioria das afirmações dos Evangelhos, o Reino é nos céus, onde se chega depois da morte e/ou no futuro quando Deus trazer o Reino à Terra no futuro; O Reino viria de forma extraordinária e espetacular, quando Deus viesse à Terra, esvaziando o potencial reformador de Jesus, numa visão muito judaica porque coloca Deus como “ator principal”. Em todos os casos, “é sempre Deus que faz o que tem de ser feito”.

Este exercício do investigador baseia-se sobretudo na exegese canónica. Mas as categorias propostas são igualmente abrangentes da experiência gnóstica do Reino de Deus, como podemos verificar:

- Primeira categoria: É no Céu... Um reino transcendente no qual as pessoas podem inspirar-se e entrar depois da morte ou do dia do juízo final: O Reino estará “presente, tanto agora como no futuro” - Mc 9, 47 – o Reino opõe-se ao inferno e chegar até ele implica fazer por merecê-lo em vida – Mc 10, 17-22).

- Segunda categoria: ...e virá à Terra... - Encontra-se no Céu, mas há-de vir à Terra no futuro, transformando estruturas sociais e políticas ou seja, o Reino de Deus existe “sempre *ali*” e “no *futuro*, existirá aqui” - Pai Nosso Mt 6, 10; Lc 11. Esta versão admite também uma espécie de hierarquia do Reino, implicando uma eventual estrutura social futura, e algumas passagens do Evangelho, como Lc 22, 29, envolvem o Reino numa promessa aparentemente intencional, salientando a relação dos discípulos com as doze tribos de Israel – num contexto que, apontando uma “ordem social e posses materiais”... Mt 19, 29 (“...receberá cem vezes mais...”); Mc 10, 29; Lc 18, 29 – como se a recompensa material, no breve prazo, antecipasse um Reino em vida eterna, sendo os seguidores de Jesus os líderes. Em Mc 10, 35-40 os discípulos pensam que Jesus fala de um Reino temporal, com hierarquia. Em Mt 19, 27-29 fala-se em recompensa para os seguidores de Jesus.

- Terceira categoria: O Reino surgirá num grande evento cósmico. Virá com sinais celestes o “Filho do Homem” para o domínio de Deus – Mc 13, 24-27; Mt 24;10, 16-23; 16-27; Lc 17, 22-37; 21, 5-9). Há exegetas que admitem tratar-se do anúncio do fim do mundo.

- Quarta categoria: “Está perto o Reino de Deus!” Os discípulos não morrerão sem verem a chegada desse Reino – Mt 16, 28; Lc 9, 27. O Reino é algo próximo, mas indefinido – Lc 10, 9; Mt 10, 7 - “Na verdade, está perto o Reino de Deus”. O Reino está próximo, está aqui, no «já» do tempo – o qual se transforma num já de «eternidade».

- Quinta categoria: Aqui! O Reino está presente, no «já», como sociedade de crentes em Deus. Uma interpretação muito importante nos primeiros séculos do cristianismo – o “reino” eclesial, de Deus, e o “reino” temporal (ver Mt 13, 33; Lc 12, 20 e, sobretudo, Lc 17, 20).

- Sexta categoria: Palavra. O Reino está presente nas palavras de Jesus, no seu “ministério” - Mt 12, 28; Lc 11, 20; Mt 11, 2.

É nestas últimas categorias que podemos encontrar um registo do Reino exegeticamente próximo da interpretação gnóstica em Tomé.

Evangelho de Tomé - enquadramento

“Cada texto deve ser interpretado a partir do contexto ao qual se deve a sua origem e só assim ganha o seu verdadeiro valor histórico” (4). Só quem tivesse frequentado a escola e cultura grega poderia escrever ou compreender um texto gnóstico.

No *Evangelho de Tomé*, Jesus aparece como “um mestre de Sabedoria (...) e não um pregador apocalíptico nem o Filho do Homem que há-de vir” (5), e que terá sido a «marca» da chamada fonte *Q*, com influência nos restantes evangelhos. A tradição de «ditos» que culmina no *Evangelho de Tomé* “foca a penetração e a interpretação individual de «ditos» de Jesus e para isso adapta e altera as componentes proféticas da sua tradição” (6), pelo que a sua motivação gnóstica parece evidente. O(s) grupo(s) gnóstico(s), dentro da tradição cristã, entendia(m) Jesus como a corporização da Sabedoria, a Revelação, e teria(m) persistido durante décadas sem chegar(em) a ser seita apocalíptica ou kerigmática.

Serve esta introdução apenas como enquadramento para a citação de algumas passagens do *Evangelho de Tomé*, na sua relação com a Origem. Prestemos atenção ao «dito» 113, dos 114 que compõem o Evangelho de Tomé – “Os seus discípulos perguntaram: Em que dia virá o Reino? Jesus disse: Não virá numa expectativa, nem dirão: Olhai para aqui ou olhai para ali; mas sim, que o Reino do Pai está difundido sobre a terra e os homens não o veem” – e relacione-se com o «dito» 3, acima citado.

Os gnósticos aspiravam a uma libertação completa e entendiam que o divino existia no homem. Os mitos da Criação serviam apenas para explicar a situação em que o homem se encontrava – comparável à Idade do Ferro de Hesíodo –, garantindo a reintegração no divino. Sem preocupação com a “veracidade” da versão mitológica, esta reintegração passava por regressar à pureza da Criação, assumindo o próprio Criador – “Felizes (*makarios*) sois os solitários (*monachos*) e os eleitos, porque encontrareis o Reino; já haveis saído dele, a ele regressareis novamente. Disse Jesus: Se vos perguntarem: de onde vindes? Respondei-lhes: Nós viemos da Luz, de onde a Luz procedeu de si mesma, manteve-se e revelou-se nas suas imagens. E se vos perguntarem: Quem sois vós? Respondei-lhes: Nós somos os seus filhos e os eleitos do Pai vivente. Se vos perguntarem: Qual o sinal do vosso Pai em vós? Respondei: É um movimento e um repouso (*anapausis*).” Nos «ditos» 18 e 19 “Jesus disse: Haveis descoberto já o começo (*archê*) para que procureis o fim? Onde está o início, ali estará o fim. Feliz aquele que se colocar no começo, porque conhecerá o fim e não provará a morte. (...) Feliz daquele que era antes de chegar a ser. Se vos tornais meus discípulos (*mathêtês*) e escutais as minhas palavras, estas pedras vos servirão (*diakonein*). Porque tendes cinco árvores no paraíso que não se alteram, nem no Verão nem no Inverno, nem as suas folhas caem. Aquele que as conhecer não provará a morte”. Este «dito» recorda o evangelho de João (8, 58 e 5, 24) – “Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, Eu sou”; “Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entra em juízo, mas já passou da morte para a vida” –, e os evangelhos sinópticos de Lucas e Mateus (3, 9) – “Produzi frutos dignos de conversão e não vos iludais dizendo: Temos por pai a Abraão! Pois, digo-vos: destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão”.

As “cinco árvores no paraíso que não se alteram” do *Evangelho de Tomé*, podem ser uma referência a “toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer” do Génesis (2, 9). As mais célebres são a árvore da Vida, “que estava no meio do jardim [do Éden], e a árvore do “conhecimento do bem e do mal”, exaustivamente estudada pelos exegetas. Mas pode ser uma referência também às árvores que Henoc encontra numa fantástica visita ao paraíso, descrita no apócrifo apocalíptico hebraico (7) – três livros influenciados pelo folclore que circulava na antiga região de Canaã (8), com aventuras de anjos desviados e de gigantes, contadas também em Génesis, antecipando o necessário dilúvio provocado por Deus para

acabar com a corrupção, os desejos do mal, e fazer uma nova aliança com Noé. Das árvores referidas por Hanoc, que, lê-se, viveu 365 anos, “andou na presença de Deus e desapareceu, pois Deus arrebatou-o” (Gn 5, 21), destacam-se a árvore da Vida e do Conhecimento, mas também árvores que produzem “cheiro doce opiato, incenso e mirra”, com folhas e flores que “nunca ficam murchas e seu fruto era belo” (9) ou a árvore na qual “ninguém terá poder para tocar, até ao tempo do grande julgamento. (...) Uma árvore de um odor incessante; nem daquelas que estavam no Eden, havia lá alguma, de todas as árvores de fragrância, que cheirava como esta”. Em Atos dos Apóstolos, Paulo dá graças a Deus “que, em Cristo, nos conduz sempre em seu triunfo e, por nosso intermédio, difunde em toda a parte o *perfume* do seu conhecimento”... As várias correntes filosóficas, das pré-socráticas às platónicas, neo-pitagóricas, neo-platónicas... espalharam-se também pelo Mediterrâneo, agregadas a reflexões ascéticas de negação das aparências e do corpo. Duraram até ao tempo de Jesus. Era o ambiente propício à *gnose*.

O pensamento grego, a procura de uma estruturação do inexplicável, em contraste com revelações ou tradições religiosas mais antigas, acaba por viciar outras devoções que se espalham pela bacia. O culto de Ísis, por exemplo, deixou o Egito, navegou até à Grécia e Roma, por intermédio de visitantes gregos atraídos pela cultura egípcia, antes mesmo do Império de Alexandre.

Os cultos mediterrânicos, e as respetivas religiões, foram inevitavelmente influenciados pelas correntes filosóficas gregas, pelo “porquê?” e pelo “que é?”. Na reflexão sobre as divindades e a sua natureza, ganharam uma teologia e foram inculturados.

Nos séculos imediatamente anteriores a Jesus de Nazaré houve inúmeros grupos religiosos sob influência helénica, misturando várias fontes mitológicas – dionisíacas, isíacas, judaicas (seitas no judaísmo que frequentavam a sinagoga, mas se retiravam para outras experiências à parte, gnósticas até), adónicas, mitraísticas...

O livro de Ben Sira do AT (séc. II a. C.), anterior à sublevação dos macabeus reflete a influência helénica, que teve uma decisiva expansão em Alexandre, com a convivência de culturas, o sincretismo religioso e um certo universalismo que tendia a abolir fronteiras, glorificando as forças da natureza o culto do homem.

Em Ben Sira a cultura judaica tem de resistir à helenização, mas abre-se a novos valores do mundo grego, assimilando o que é considerado bom e compatível. Com o elogio da sabedoria – “Toda a sabedoria vem do Senhor e permanece nele para

sempre” (Sir 1,1), admite-se o princípio – “A sabedoria foi criada antes de todas as coisas, e a luz da inteligência, desde a eternidade” (Sir 1, 4) –, embora rejeite a especulação filosófica – “Não procures o que excede a tua capacidade, nem tentes penetrar o que está acima das tuas forças” (Sir 3, 21) –, no que pode ser interpretado como a admissão de um fracasso na demanda...

Evangelho de Tomé e a «responsabilidade social»

Retomando uma ideia anterior, quererá tudo isto dizer que o dinamismo gnóstico é socialmente amoral? Que não desenvolveu a corresponsabilização social no caminho que desenha e propõe? Não necessariamente. Mas esta tem sido uma das críticas mais contundentes das ortodoxias cristãs a novos dinamismos religiosos e espirituais, herdeiros ou que reivindicam a herança gnóstica. Retomem-se as palavras do papa Francisco a 27 de junho de 2013, quando se referiu à “necessidade” de “cristãos de ação e de verdade”, cuja vida se “funda sobre a rocha de Jesus”, e não de “cristãos de palavras”, superficiais como os gnósticos ou “severos como os pelagianos”:

“Jesus propõe já no início que se edifique «a nossa casa sobre a rocha». A partir deste ensinamento, o Papa Francisco indicou «na história da Igreja duas classes de cristãos»: os primeiros, que devem ser evitados, são os «cristãos de palavras», isto é, os que se limitam a repetir: Senhor, Senhor!; a segunda categoria, os autênticos, são «cristãos de ação, de verdade». A este propósito evidenciou que desde sempre «houve a tentação de viver o nosso cristianismo fora da rocha que é Cristo; o único que nos dá a liberdade de dizer Pai a Deus; o único que nos ampara nos momentos difíceis». O próprio Jesus afirma-o com exemplos concretos: «Cai a chuva, transbordam os rios, sopram os ventos», mas se «houver a rocha, haverá segurança». Ao contrário, quando só há palavras «as palavras voam, não servem». Na prática, acabamos na «tentação destes “cristãos de palavras”: um cristianismo sem Jesus, sem Cristo». Infelizmente «isto aconteceu e acontece hoje na Igreja». Trata-se de uma tentação que está presente na história da Igreja de maneira muito diversificada e deu vida a várias categorias de «cristãos sem Cristo» entre as quais o Papa Francisco citou em particular duas. A do «cristão

light» que «em vez de amar a rocha, ama as palavras bonitas, as coisas belas» e se dirige «para um deus spray, um deus pessoal», com atitudes de «superficialidade e leviandade». Esta tentação existe ainda hoje: «cristãos superficiais que acreditam em Deus», mas não em Jesus Cristo, «aquele que nos dá fundamento». O Papa definiu-os «gnósticos modernos», os que cedem à tentação de um cristianismo fluido.” (10)

É um facto que o dinamismo gnóstico no *Evangelho de Tomé* aprofunda o caminho pessoal de Conhecimento, para retomar uma viagem de auto descoberta da Sabedoria. E que esse caminho implica ver o corpo como um «obstáculo», como se percebe de forma evidente, embora suscetível de uma exegese dedicada, no «dito» 29, quando se entende ser uma “maravilha maior” que o espírito exista apesar do corpo:

“Eu, no entanto, maravilho-me com isto: com[os]ta grande riqueza ficou nesta pobreza”

O surpreendente, em contexto gnóstico, seria “que o carnal existisse por razão do espírito; mas mais surpreendente ainda o inverso. O gnóstico opta pela primeira solução, ao explicar mitologicamente que uma queda na ordem espiritual deu origem a todo o material” (11).

Mas há também «ditos» indicativos de uma corresponsabilidade. Destaque-se o «dito» 25:

“Jesus disse: Ama o teu irmão como a tua alma (*psyché*), guarda-o (*têrein*) como a pupila dos teus olhos”

Este «dito» é semelhante ao que consta nos evangelhos sinóticos, quando, dois dias antes da Última Ceia, Jesus cita *Shemá Israel* – “Amarás ao Senhor teu Deus” - e o Grande Mandamento – “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”.

Questionado sobre qual é o maior dos mandamentos na Lei, Jesus afirma:

“Amarás ao Senhor teu Deus com todo teu coração, e com toda tua alma, e com todo teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo”. (Mateus 22:35-40, com paralelo em Marcos 12:28-31 e Lucas 10:25-28).

Já no capítulo 15 do evangelho canónico de João, Jesus introduz um “novo mandamento”:

“Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo.”

A referência em Tomé terá a mesma fonte que inspirou a citação nos sinópticos e pressupõe também o «mandato» da corresponsabilização comunitária, embora sob o domínio de um caminho de procura pessoal. A «responsabilidade social», neste contexto e conjugando-se com os restantes e muito díspares «ditos», pode, no entanto, não ter uma fácil interpretação.

Fará parte do Conhecimento pessoal, implicando este então uma interdependência aparentemente paradoxal quando o «processo» pressupõe negar a relação «física» para aprofundar a dimensão «espiritual».

Será integrante, inevitável e aconselhável, num proselitismo que introduz o «outro» na dimensão «espiritual»?

Seja qual for a interpretação, a dimensão da «responsabilidade social», por via do cuidado pelo “irmão” (que pode não ser todo e qualquer «outro»), é um dado presente no *Evangelho de Tomé*.

Nota final

A construção da ideia de um Messias – aquele que viria restaurar Israel – é inseparável da diversidade na experiência judaica, alicerçada na literatura profética. A discussão não-pacífica sobre o «Reino de Deus» no Novo Testamento deve-se, em certa medida, também a esta pluralidade. Em poucos séculos, este «seguimento» mudou de configuração, do gnosticismo perseguido ao poder doutrinário centralizado e constitutivo da Igreja.

O Cristianismo resulta assim de um amplo processo de conflitos, a própria história é o resultado de uma constante tensão. Como hoje, já os primeiros protagonistas do «seguimento», mais ou menos influenciados pela intenção e intuição catequética dos principais «seguidores», se debatiam entre o que era verdadeiro e falso em Jesus. Um Jesus que, como se alega na Introdução, foi sendo construído sob a rede da fé e sobre a escassa «história» que dele se reproduziu. O «facto» histórico, em Jesus, é religioso

e intencional. E a «realidade» Jesus é circunstancial. O que não invalida a possibilidade de Jesus ser uma «realidade» mística e/ou divina, em contexto de fé.

Da matéria apresentada em síntese, com recurso a várias fontes e autores, resulta a dinâmica de uma construção ética, alicerçada nessa expectativa. E é sobre essa construção ética que se desenvolve hoje a reflexão filosófica sobre o fenómeno religioso.

O teólogo Schillebeeckx desenvolve o pensamento a partir da ideia de um Deus «não-experimentável», lembrando John D. Caputo que fala na «impossibilidade» de Deus. Nesta «impossibilidade» de Deus sustentada por Caputo - “evento” gerador de relações incapazes de serem o próprio “evento” não reproduzível, mas que podem exprimir essa impossibilidade na possibilidade de uma justiça humanamente limitada, embora marcada por essa ideia inatingível - Schillebeeckx aplica a dimensão de um *Quem*, no qual tudo o que vive e se move pode existir.

Para outros pensadores e outro pensamento não convencionalmente refém da(s) teologia(s) - Derrida, Zizek, Cameron, Bonhoeffer ou Vattimo... - há também um Deus que, não «existindo», ou não se «experimentando», se (re)conhece na experiência humana, nos mecanismos de relação ética, gerador de códigos de compreensão e relação. Um Deus «sociológico» que, sem negar o Deus «teológico», é analisável. O futuro da religião e das igrejas cristãs jogar-se-á nesta ampla zona de incerteza, com a certeza de que é a herança de uma linguagem, de um contexto, que sustentam a ideia de Deus.

Num tempo que cruza a rapidez necessária com a precipitação a evitar, constrói-se uma semântica dominante. Confunde-se o argumento com a proposição, a argumentação com a demonstração. Parte-se para a demonstração sem o cuidado dos argumentos. Argumenta-se como quem demonstra.

Ora, a demonstração é do domínio das ciências exatas, dos naturais, reais e complexos da matemática. E mesmo esta, acrescentaríamos, não evita os imaginários, as variáveis, a imprevisibilidade dos infinitos, o apeiron, indefinido e interminável.

Como o invisível não é quantificável diante do visível, assim os argumentos humanos não são automaticamente aplicáveis num padrão financeiro, por exemplo.

O Princípio é da demonstração e não da argumentação sujeita às múltiplas variáveis das relações e emoções reais. Assim, se a força motriz da fé é a dúvida, capaz de construir convicções, um dogma elevado pela ortodoxia à categoria de Princípio pode ser um contra senso, porque no campo da interpretação é contra argumentável. É neste

contexto que se enquadra, também a «revelação». Como assumir a dinâmica de uma Verdade - que se quer infalível, que se quer Possibilidade -, numa plataforma global e plural de verdades, conceitos e preconceitos discutíveis - que redefinem padrões e resgatam mistérios? E, já agora, como redesenhar o acolhimento na diversidade?

Por via da fé, uma dúvida assaltar-nos-á. Nesta construção de Deus, ele é prévio, pré-existente à deriva comportamental que se afigura como condição para um acesso? Ou o comportamento e a demanda ética, moldada na Procura de uma «impossibilidade» – desenvolvendo aquilo a que John D. Caputo chamou a «teologia do talvez», na senda de Derrida, refletindo como já se disse, sobre a ideia da «impossibilidade» de Deus, à qual o homem aspira nas suas inevitáveis limitações, podendo apenas fazer uma «experiência» de Deus, sem o experimentar propriamente, pois Deus é «não-experimentável» –, projetam um Deus metafórico, realizável no plano temporal como modelo que antecipa a compensação na Procura da «essência» de Deus?

REFERÊNCIAS

- (1) Hanson, K. (2005). *Segredos da Bíblia Perdida*. (p. 51). Oeiras: Casa das Letras
- (2) Hanson, K. (2005). *Segredos da Bíblia Perdida*. (p. 58). Oeiras: Casa das Letras
- (3) Sanders, E.P. (1993). *A verdadeira história de Jesus. The Historical Figure of Jesus*, no original. (Trad) Teresa Martinho Toldy. Lisboa: Editorial Notícias
- (4) Hanson, K. (2005). *Segredos da Bíblia Perdida*. (pp. 203 – 214). Oeiras: Casa das Letras.
- (5) Idem
- (6) Idem
- (7) PIÑERO, A. Torrentes, J. Bazán, F. (1999). *Evangelhos Gnósticos, Biblioteca de Nag Hammadi II*. (pp.59-91). Lisboa: Esquilo.
- (8) Idem
- (9) [http://pt.wikipedia.org/wiki/Primeiro_Livro_de_Enoque], [http://es.wikipedia.org/wiki/Libro_de_Enoc], [<http://www.mucheroni.hpg.ig.com.br/religiao/96/apocrifos/enoch.htm>]
- (10) <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/cristaos-de-accao-e-de-verdade#.U8endONdX5g>
- (11) PIÑERO, A. Torrentes, J. Bazán, F. (1999). *Evangelhos Gnósticos, Biblioteca de Nag Hammadi II*. (p. 87). Lisboa: Esquilo.

Consultas

- das Neves, C. (2008). *O que é a Bíblia*. Amadora: Casa das Letras,
- das Neves, C. (2010). *Grandes figuras da Bíblia*. Oeiras: Editorial Presença
- Sanders, E.P. (2004). *A verdadeira história de Jesus*. Oeiras: Notícias Editorial.
- Vermes, G. (2009). *Quem é quem no tempo de Jesus*. Amadora: Texto Editores.
- Kung, H. (1999). *Grandes pensadores do Cristianismo*. Oeiras: Editorial Presença.
- Kung, H. (2012). *O Cristianismo*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores.
- Religiões, História, Textos, Tradições*. (2006). Paulo Mendes Pinto (Coord. Científico). Lisboa: Paulinas
- Ventura, F. (2007). *Roteiro de Leitura da Bíblia*. Oeiras: Editorial Presença.
- Bloom, H. (2005). *Jesus e Javé, os nomes divinos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Vidal, C. (2011). *Jesus o judeu*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

- Piñero, A., Torrents, J., Bazán, F. (1999). *Evangelhos Gnósticos, Biblioteca de Nag Hammadi II*. Lisboa: Esquilo.
- Piñero, A., Torallas-Tovar, S. (2006). *Evangelho de Lucas*. Lisboa: Esquilo.
- Paul, A. (2006). *Os manuscritos do Mar Morto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vidal, C. (2007). *Jesus e os manuscritos do Mar Morto*. Lisboa: Livros d’Hoje.
- Aslan, R. (2013). *O Zelota, a Vida e o Tempo de Jesus de Nazaré*. Lisboa: Quetzal.
- Alves, H. (Nov-Dez 2008). Paulo, quem és tu?. In *Revista Bíblica*. 319, 33-40. Coimbra: Difusora Bíblica.
- Schillebeeckx, E. (2007). A Identidade Cristã: Desafio e Desafiada. A propósito da extrema proximidade do Deus não-experimental. In *Deus no século XXI e o futuro do cristianismo*. Borges, A. (Coord). Porto: Campo das Letras.
- Bobineau, O., Tank-Storper, S. (2008). *Sociologia das Religiões*. Sintra: Europa-América.
- Nietzsche, F. (2011). *O Anticristo, versão Filipe Delfim Santos*. Lisboa: Guimarães editores.
- Goldsworthy, A. (2010). *O fim do Império romano*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Pereira, M. H. R. (2006). *Estudos de história da cultura clássica, I volume, Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sales, J. C. (1999). *As divindades egípcias, uma chave para a compreensão do Egipto antigo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Lopes, M. H. T. (2003). O universo religioso no Egipto antigo: ensaio de sistematização. In *Revista Ler História*. 44, 85-101. Oeiras: Gráfica 2000
- Pinto, P. M. *No espaço fenício, Adónis, uma dramatização d’O Senhor*, [exemplar copiado], [s.d]
- Bíblia Sagrada*. (2001). Coimbra: Difusora Bíblica.

OS CREDOS APOSTÓLICO E NICENO E AS CORRENTES GNÓSTICAS

Vítor Manuel Raposo Rafael (Mestrando em Ciência das Religiões ULHT)

Resumo

A declaração de fé cristã que hoje conhecemos como Credo de Niceia na sua fórmula oficial foi sendo construída ao longo de vários anos. Para a sua concepção contribuíram diversos factores, entre eles a urgência que desde muito cedo se fez sentir de estabelecer um código doutrinário que deveria ser aceite e seguido por todas as igrejas cristãs e seus fiéis. Essa urgência advém da existência de uma pluralidade de correntes cristãs que preconizavam ideais doutrinários que não seguiam a linha teológica do catolicismo que aos poucos se ia impondo. A maioria dessas correntes possuíam evangelhos que, quando da formação do Canon Bíblico, vão ser excluídos do mesmo. Esses textos são hoje conhecidos como evangelhos gnósticos e foram descobertos recentemente (1945) no Egipto perto da cidade de Nag Hammadi.

Palavras-chave: Cristianismo, Credo, Gnosticismo

Abstract

The statement of Christian faith we know today as Nicene Creed in its official formula was been built over several years. To its conception there were a number of factors; including the urgency that very early was felt to establish a doctrinal code that should be accepted and followed by all Christian Churches and their followers. This urgency comes from the existence of a plurality of Christian currents that advocated doctrinal ideals that did not follow the theological Catholicism line that was gradually imposed. Most of these currents had gospels that, at the time of the formation of the Biblical Canon, were excluded from it. These texts are nowadays known as Gnostic Gospels and were recently (1945) discovered in Egypt near the city of Nag Hammadi.

Keywords: Christianity, Creed, Gnosticism

INTRODUÇÃO

A Igreja enquanto Instituição sempre compreendeu mal qualquer ensino que permitisse a livre interpretação do conhecimento de Deus. Certos de que nos primórdios do cristianismo, mais concretamente nos primeiros três séculos, não se possa ainda falar da existência de uma igreja organizada e institucionalizada tal como hoje a conhecemos na sua expressão maior – o Cristianismo Católico Romano – constata-se hoje, graças às descobertas dos documentos da Biblioteca de Nag Hammadi, que havia de facto no início uma pluralidade de cristianismos.

Contra aqueles que apelavam à gnose (conhecimento) em detrimento da fé, figuras como Ireneu de Lião (130-202 d.C.), reagem violentamente, socorrendo-se de apologias para a detração das suas ideias. Pode-se considerar que com o tratado "Adversus Haereses", deu-se início à disciplina a que hoje chamamos de Heresiologia. Nesses cinco volumes que constituem o tratado, do qual a versão grega se perdeu, Ireneu de Lião identificará alguns movimentos cristãos que apelidará de gnósticos, confrontando as suas doutrinas com aquilo que ele designa de verdadeira doutrina.

Até ao final da perseguição contra os cristãos movida pelo império Romano, não se pode falar de uma Igreja Institucionalizada. Só a partir do ano 313 d.C. data do Édito de Milão promulgado pelo imperador Constantino é que o cristianismo passa a ter os mesmos direitos atribuídos às religiões pagãs e reconhecido como uma religião do império.

Será entre o dia 20 de Maio e 25 de Julho de 325 que de dará início ao primeiro Concílio Ecuménico de Niceia convocado pelo Imperador Constantino, numa tentativa de sanar as divergências que já se faziam sentir entre os próprios cristãos. O próprio imperador como Sumo-Pontífice e tendo todo o interesse em manter a paz e unidade do império, pagou todas as expensas de deslocação e de hospitalidades a todos os delegados convocados ao Concílio.

O credo Apostólico, cuja versão grega aparece pela primeira vez em 341, circularia já entre as igrejas, pelo menos parcialmente, muito antes do Credo de Niceia. Foi certamente formulado como refutação das ideias defendidas pelo cristianismo gnóstico. Mas será o Credo de Niceia, já bastante mais elaborado, principalmente nas declarações referentes ao Filho, que combaterá não só as correntes gnósticas como o Arianismo.

Mesmo depois do Concílio de Niceia, as controvérsias entre cristãos não terão sido totalmente sanadas, mas com a oficialização do Cristianismo como religião do estado dois anos mais tarde, a Igreja entretanto institucionalizada, não deixará de fazer uso do poder e influência junto do imperador para que fossem reprimidas e até destruídas todas as formas de cristianismo que não fossem a ortodoxa.

Os credos Apostólicos e o de Niceia são pois documentos primariamente de refutação ao gnosticismo.

2. OS CREDOS APOSTÓLICO E NICENO

De um modo geral, os Credos Apostólicos e de Niceia, são antes de mais fórmulas doutrinárias e declarações de fé cristãs. Não deixavam de constituir um rigoroso critério da crença correctamente instituída pela corrente ortodoxa cristã. Eles surgiram em momentos críticos nos quais era necessário fazer a distinção entre os crentes ortodoxos da chamada Grande Igreja e os vários cristianismos que iam surgindo, primeiramente os gnósticos e depois os maniqueus e arianos.

O Credo Apostólico, também conhecido por Símboloⁱ dos Apóstolos, terá sido muito mais antigo do que o de Niceia embora só mais tardiamente apareça uma formulação completa tal como o conhecemos. Uma lenda conta que cada uma das suas declarações tinha tido origem nos próprios Apóstolos de Jesus, daí o seu nome. Não se conhece registos escritos deste credo anteriores ao Concílio de Niceia embora se saiba que pelo menos parte do mesmo era já utilizado como fórmula baptismal. Ambrósio de Milão (340-397) no seu Comentário ao Símbolo dos Apóstolos escreve

«Quero que tenhais clara noção de que o Símbolo não deve ser escrito, uma vez que o deveis restituir (non debet scribi, quia reddere illud habetis). Que ninguém o escreva. Mas porque razão? Recebémo-lo com a condição de não ser escrito. Mas então que fazer? Memorizá-lo. Mas tu perguntas: ‘como pode ser recordado, se não se escreve?’ Melhor se pode recordar se não se escrever. Mas como? Escutai: quem escreve, como está seguro de reler não medita todos os dias no que escreve. Ao contrário, quem não escreve, receia esquecer e, por isso, repete-o todos os dias» (S. Ambrósio, *Explanatio Symboli*,ⁱⁱ).

Talvez isso explique, que principalmente no Ocidente, este símbolo fosse transmitido mais numa tradição oral do que escrita. Também em uma carta do Bispo Marcellus de Ancyra (336-341) ao papa Júlio I encontramos uma primeira formulação deste credo. Rufinus (340 e 345-410) também cita esse credo num dos seus comentários, o que evidência o seu uso pelo menos em Itália.

Quando ao Credo de Niceia, como já foi dito, é formulado quase como que uma evolução do que já se afirmava no Apostólico reforçando as declarações Trinitárias, especialmente a que se refere ao Deus Filho, combatendo especialmente aqui especificamente o Arianismo.

Grosso modo, grande parte destes credos são declarações trinitárias, ou seja declara-se a fé em um só Deus preconizado em três pessoas distintas: O Pai, o Filho e o Espírito Santo. A parte final dirá respeito às doutrinas da igreja (eclesiologia) e à das últimas coisas (escatologia).

2.1. DEUS, O PAI

- **[Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra]** Credo Apostólico
- **[Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.]** Credo de Niceia

A primeira parte dos credos Apostólicos e de Niceia são referentes ao Pai, Deus todo-poderoso e criador de todas as coisas. Esta era a fé revelada primeiramente ao povo judaico, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, Esse Deus é único, princípio de todas as coisas e totalmente transcendente, tal como se expressará no Shema, a profissão de fé central monoteísta judaicaⁱⁱⁱ e que os cristãos mais tarde incluirão nos seus credos.

Um dos primeiros apologistas cristãos, Ireneu de Lião^{iv} na sua famosa obra *Adversus Haereses*^v cita um certo Cerinto que pensa-se que tenha sido contemporâneo do possível autor do quarto evangelho, conforme relatado por Eusébio de Cesareia na sua *História Eclesiástica*^{vi}. Cerinto, um dos primeiros mestres gnósticos era Judeu e terá

estado na região Éfeso na Asia Menor. Ensinava que a criação não fora obra do Deus Supremo mas por um poder intermediário, a quem ele atribui ao deus do Antigo Testamento Judaico, YHWH, o que explicava a imperfeição do mundo em que vivemos^{vii}.

Além de Ireneu, Justino o Mártir na sua Apologia refere Marcião^{viii} e a sua doutrina dualística. Marcião que terá sido o primeiro a definir um Canon Bíblico no qual constava uma parte do Evangelho de Lucas e algumas cartas de Paulo, advogava que o deus do velho testamento YHWH não era o verdadeiro pai de Jesus.

“Por fim, um tal Marcião, natural do Ponto, está agora mesmo ensinando seus seguidores a crer num Deus superior ao Criador e, com a ajuda dos demónios, fez com que muitos, pertencentes a todo tipo de homens, proferissem blasfêmias e negassem o Deus Criador do universo, admitindo, em troca, não sabemos que outro Deus, ao qual, supondo maior, se atribuem obras maiores do que àquele.”^{ix}

Da biblioteca de Nag Hammadi, no livro do Apócrifo de João, texto sethiano do século II, o Demiurgo tem o nome de Yaldabaot e foi criado pela Sabedoria, um dos eons do Pleroma que, sem o seu consorte Espírito, o concebeu^x. Depois de ter criado todo o mundo e as potências celestes inferiores, os arcontes, esse mesmo Demiurgo cria finalmente o homem^{xi}. Também evangelho de Filipe de influência Valentiniana, embora não refira directamente o Demiurgo, o mundo é criado por erro e quem o criou fracassou^{xii}.

2.2. DEUS, O FILHO

A segunda parte dos credos Apostólicos e de Niceia são referentes à segunda pessoa da Trindade, Jesus, Deus Filho. Desde as origens do cristianismo que a figura de Jesus Cristo tem sido objeto de estudo e de discussão intensa. Mesmo entre as correntes cristãs consideradas ortodoxas desde início tem havido debate acerca da natureza de Jesus Cristo, a doutrina da sua pessoa e obra e, muito especialmente, a sua relação com Deus. Não seria de estranhar que viessem a surgir também grandes combates

entre os cristãos ortodoxos e cristãos gnósticos. Grande parte da obra apologética dos chamados pais da igreja discorrer-se-á à volta do tema da cristologia.

Os credos, especialmente o Niceno, não deixarão de incluir nos seus textos, declarações fortemente enfáticas sobre a figura de Jesus. Ainda que tenha sido também para combater o Arianismo e indo-se mais longe daquilo que foi formulado no credo apostólico ao declarar-se a pessoa de Jesus como sendo consubstancial ao Pai, será na doutrina da encarnação e, conseqüentemente, na crucificação e ressurreição de Jesus que iremos ver a resposta da ortodoxia àquilo que os sistemas gnósticos tinham vindo a expor até então.

2.2.1. GERADO E NÃO CRIADO

- **[e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor]** Credo Apostólico
- **[Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos. Deus de Deus, Luz da luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito: da mesma substância do Pai]** Credo de Niceia

Contrariamente àquilo que se propunha catequizar, que Jesus era uma hipóstase do próprio Deus, a maioria dos cristãos gnósticos identificava Cristo como um ser luminoso que tinha irrompido no nosso mundo no corpo de Jesus com a missão de ensinar o caminho aos homens, ou seja, a retornar à sua origem celestial através da aquisição do conhecimento (gnosis) necessário vencer a batalha cósmica que estava sendo travada entre a Luz e as Trevas.

“(…) Valentim estabelece depois dois Limites, um entre o Pleroma e o Abismo que separa os Eões gerados do Pai ingénito e o outro que divide a sua Mãe do Pleroma. O Cristo não foi produzido pelos Eões que estão no Pleroma, mas pela Mãe que estava fora dele e se lembrava das realidades superiores, mas não sem alguma sombra. Sendo o Cristo masculino, tirou de si mesmo esta sombra e voltou para o Pleroma.”^{xiii}

No evangelho Apócrifo de João, o Filho é parte da tríada divina e é gerado por Barbeló, a primeira emanção de Deus^{xiv}. Também Ireneu nos fala de um grupo de gnósticos, os barbelo-gnósticos em cuja doutrina Barbelo gerou uma Luz que é o “princípio de todas as coisas” e que é o Cristo^{xv}.

2.2.2. POR ELE TODAS AS COISAS FORAM FEITAS E DESCEU DOS CÉUS

- **[Por Ele todas as coisas foram feitas. E, por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus] Credo de Niceia**

Tal como exposto na primeira, declaração trinitária, em que é atribuído ao Deus pai a criação de todas as coisas, o Credo de Niceia declara a colaboração do Filho nesse mesmo processo pois ele é da mesma substância do Pai. O Apóstolo Paulo, na sua carta que escreve aos Colossenses, aliás uma carta que segundo alguns comentaristas bíblicos é escrita por ele para combater o gnosticismo, diz que *“porque nele (Jesus) foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele.”*^{xvi}

Tal como exposto atrás, no parágrafo acerca do Deus Pai, segundo a exposição gnóstica não foi ele o criador do mundo material, nem tão pouco Cristo teria tido parte nessa criação, como Paulo expõe na sua carta.

Quanto a Jesus ter descido do céu para salvação dos homens, teríamos alguns pontos comuns entre a ortodoxia e os gnósticos. De facto, tal como o Jesus ortodoxo, o Cristo gnóstico desce à terra mas fá-lo de maneira despercebida aos arcontes, que segundo algumas correntes gnósticas, são forças maléficas criados pelo Demiurgo e que tudo fazem para impedir o regresso das centelhas divinas (que estão aprisionadas no corpo) ao Pleroma. No Segundo Tratado do Grande Seth lemos que Jesus desce à terra mas fá-lo incólume.

“Porque quando descí, nenhum me viu, já que fui mudando as minhas formas de cima e transformando o meu aspecto noutra aspecto. E, por isso, quando me encontrei às suas portas tomei a sua aparência. Porque passei através dele

serenamente, e via os lugares e não me atemorizei nem sofri agravos. Estava, efectivamente, incontaminado. E falava com eles, misturando-me com eles através dos que são meus, e espezinhava os que são zelosamente duros e extinguiu o fogo. Mas levei a cabo tudo isto por minha vontade, para que o que quis por vontade do Pai em cima se cumprisse.”^{xvii}

Interessante verificar que no Tratado Tripartido e no Evangelho de Filipe^{xviii}, o Salvador também necessita de redenção pois ele virá resgatar partes de si mesmo, as tais centelhas divinas que estão aprisionadas na matéria e fazer com que retornem finalmente ao local de onde tinham vindo, o Pleroma. O salvador e o salvo são assim da mesma natureza.

2.2.3. ENCARNOU DA VIRGEM E FEZ-SE HOMEM

- **[que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria]**
Credo Apostólico
- **[Se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria: e se fez homem]**
Credo de Niceia

Talvez nenhum outro assunto tenha gerado da parte dos detractores do gnosticismo tanto esforço apogético com o da encarnação de Jesus. A posição da Grande Igreja era muito clara. A segunda pessoa da Trindade, também conhecida por Deus Filho ou Logos, fez-se carne, sendo concebido no seio da Virgem Maria. A encarnação é portanto Jesus Cristo, o Deus homem, conforme reflectida nos dois credos.

Tertuliano na sua Apologia, Livro IV falando acerca da Eucaristia, refutava a visão gnóstica docetista de que o corpo de Jesus seria um fantasma e não material^{xix}.

Para algumas correntes gnósticas era impensável que o Cristo viesse ao mundo e encarnasse. A carne, como já tivemos ocasião de dizer, é matéria criada pelo Demiurgo e portanto conotada com o mal, sendo inconcebível que um ser de divino provindo da Luz pudesse ser associado à matéria, muito menos revestido da mesma. Ireneu de Lião em *Adversus haereses*^{xx} relata como o gnóstico Cerinto entendia a

“encarnação” de Jesus, fazendo distinção entre o Cristo Pneumático e o Jesus homem, cuja corrente de pensamento é denominada de Docetismo.

Em Pistis Sophia^{xxi}, texto gnóstico escrito provavelmente na segunda metade do século III, o Salvador desce à terra irreconhecível aos arcontes e fala com Maria na forma do Anjo Gabriel, uma vez que os seres de Luz podem tomar a forma que mais lhe convenha para poderem comunicar com todos aqueles que não sejam pneumáticos. Jesus receberá de Barbelo um ‘corpo’ que havia usado no alto não físico e portanto incorruptível^{xxii}.

No Tratado do Grande Seth da Biblioteca de Nag Hammadi, Cristo descreve em primeira mão como desceu no corpo do homem Jesus para realizar o seu ministério.

“De acordo com o meu querer vim revelar a glória aos meus parentes e aos meus companheiros espirituais. (...) Visitei um habitáculo corporal. Desalojei o que residia anteriormente e eu entrei nele. E a multidão total dos arcontes perturbou-se. E a matéria total dos arcontes e também os poderes gerados da terra se puseram a tremer ao ser a semelhança da imagem que estava misturada. Mas eu era o que estava nela, sem parecer-me com o que estava nele anteriormente.”^{xxiii}

2.2.4. FOI CRUXIFICADO, MORREU E FOI SEPULTADO

- **[padeceu sob Pôncio Pilatos, foi cruxificado, morto e sepultado]** Credo Apostólico
- **[Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado.]** Credo de Niceia

Tal como exposto parcialmente do tópico anterior acerca da doutrina da Encarnação, a ortodoxia, a ortodoxia expunha nos credos que Jesus tinha encarnado no seio da Virgem Maria. O cristianismo dos primeiros séculos, apropriando-se do legado das escrituras hebraicas, conhecidas hoje como o Antigo testamento, irá interpretar a passagem do profeta Isaías como atribuída a Jesus^{xxiv}.

Jesus, o Filho de Deus irá sofrer na sua carne em favor toda a humanidade apresentando-se como sacrifício a Deus Pai para assim os sarar e resgatar do pecado e perdição. Não era certamente esta a visão de algumas correntes gnósticas. O Cristo jamais poderia ter encarnado e sofrido na cruz para remissão da humanidade. Ireneu, falando acerca da doutrina de Saturnino e de Basilides diz-nos que ensinavam que aquele que tinha sido crucificado não era o Cristo mas um outro,

“Na realidade, não foi ele (Jesus) quem sofreu a paixão, mas o tal Simão de Cirene que, obrigado, carregou a cruz no lugar do Cristo e foi crucificado, quer por ignorância, quer por engano, porque, por transformação, recebeu o aspecto de Jesus enquanto Jesus tomava o aspecto de Simão e estando ali fazia zombarias deles.”^{xxv}

Também no Apocalipse de Pedro, escrito em forma de diálogo entre Jesus e os seus seguidores, o Salvador afirma que aquele que foi pregado na cruz é um substituto e não o que está por cima da cruz, o Jesus Vivo^{xxvi}.

2.2.5. RESSUSCITOU, SUBIU AOS CÉUS

- **[desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos Céus; está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso]** Credo Apostólico
- **[Ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, conforme as Escrituras. E subiu aos céus, onde está assentado à direita de Deus Pai.]** Credo de Niceia

Pelas palavras que o Apóstolo Paulo escreveu à comunidade de Coríntios podemos deduzir que já haveria naquela igreja cristãos gnósticos ou pelo menos alguns que afirmavam que tinha havido uma ressurreição espiritual e não física (docetismo). Paulo não deixará de enfatizar que, não havendo ressurreição dos mortos, certamente que Cristo não teria ressuscitado e, por conseguinte, seria vã qualquer fé.^{xxvii}

No Evangelho gnóstico valentiniano de Filipe, um dos mais importantes evangelhos apócrifos da colecção de Nag Hammadi, a ressurreição é descrita como sendo espiritual e não física. Só a obterão certamente aqueles que alcançam a gnose.

“Os que dizem que o Senhor primeiro morreu e (depois) ressuscitou, erram, porque ele primeiro ressuscitou e (depois) morreu. Se alguém não obtiver primeiro a ressurreição, (porventura) não morrerá. Vive Deus que este m[orrerá]”^{xxviii}

Também no livro do Apocalipse de Pedro aquele que ressurgiu não é a mesma pessoa que foi crucificado. O verdadeiro redentor, o Salvador que se mostra a João é o que está vestido do Espírito santo^{xxix}.

2.2.6. VOLTARÁ DE NOVO PARA JULGAR OS MORTOS E OS VIVOS

- **[de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos]** Credo Apostólico
- **[Donde há de vir, em glória, para julgar os vivos e os mortos: e o Seu reino não terá fim.]** Credo Niceia

Para o cristianismo ortodoxo, o homem é um ser moral sendo por isso responsável perante Deus pelos seus actos. Em vários livros canónicos do Novo Testamento, especialmente no Apocalipse de João é descrito o Julgamento Final, evento que ocorrerá quando Cristo voltar de novo no final de todos os tempos e em que Deus julgará a todos segundo as suas obras. Uma vez que a lei moral divina se encontra gravada na consciência de cada ser humano, cairá sobre cada ser humano o ónus da responsabilidade moral pelos seus actos cometidos em vida^{xxx}.

Nos sistemas gnósticos cristãos não existe praticamente um julgamento final. A salvação está sempre associada ao conhecimento ou seja ao reconhecimento do eu interior, da centelha divina que existe dentro de cada ser humano. Por essa razão não há lugar à ressurreição, muito menos ao julgamento final. Se alguns há que não atinjam a gnose, estão na pior das hipóteses em ignorância, conforme exposto no Evangelho da Verdade

"Efectivamente, como poderá ouvir aquele cujo nome não foi convocado?
Porque o que é ignorante até ao fim é uma obra do esquecimento e será

dissolvido com ele, caso contrário qual é o motivo destes desgraçados carecerem de nome e de que não exista para eles uma chamada?"^{xxxix}

No Apócrifo de João, o próprio indaga o Senhor acerca dos que ainda não atingiram a gnose. Ainda que possam ficar aprisionadas pelos arcontes, logo que despertem do conhecimento ficam salvos. Não há aí qualquer indicação que haja um estado de perdição definitivo e eterno para as almas que estejam na ignorância^{xxxii}.

2.3. DEUS, O ESPÍRITO SANTO

- [Creio no Espírito Santo] Credo Apostólico
- [Creio no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida: que procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele falou pelos profetas.] Credo Niceia

Se no credo Apostólico não está ainda bem claro a natureza e acção do Espírito Santo, será no Concílio de Niceia, constituído maioritariamente por bispos trinitários, que se será votado uma alteração ao credo no sentido de o declarar, tal como o Deus Pai e o Deus Filho, igualmente divino, não criado e não gerado. Segundo o quarto evangelho, conhecido como o de João, Jesus fala acerca do Espírito santo e da sua missão. Uma vez que ele (Jesus) voltará para o Pai, deixará no seu lugar o Espírito Santo cuja acção será assistir os seres humanos. Interessante que o termo Consolador, no grego παράκλητος – paráklētos, significa "aquele que consola ou conforta; aquele que encoraja e reanima; aquele que revive; aquele que intercede em nosso favor como um defensor num tribunal"^{xxxiii}

No livro do Apócrifo de João, O Espírito Santo faz parte da Tríade divina mas é uma emanção do Pai.

“Esta é a potência que existe antes de todos eles, que procedeu do pensamento daquele, a suprema Inteligência do todo, luz semelhança de luz, potência perfeita, imagem do Espírito invisível, virginal e perfeito. Ela é a potência e a glória, Barbeló, glória perfeita dos éons, glória da revelação, glória do Espírito virginal. Ela louvou-o, porque graças a ele tinha chegado à existência. Este é o

primeiro pensamento, a imagem daquele. Ela foi a matriz de tudo, porque existiu antes de todos eles, mãe-pai, homem primordial, espírito santo, o triplo varão, a tripla potência, o triplo nome, o andrógino e éon eterno entre os invisíveis, o primeiro a principiar.”^{xxxiv}

2.4. A IGREJA

- [Creio na Santa Igreja católica, na comunhão dos Santos] Credo Apostólico
- [Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica] Credo Niceia

Não há dúvida nenhuma que, grande parte dos documentos gnósticos cristãos que vão surgindo a partir do século II, são em primeiro lugar tratados contra aquilo que a já podemos chamar do estabelecimento da Grande Igreja e embora ela só tenha sido consolidada, oficializada e imposta a partir do século IV, já se nota a partir do século II movimentos com vista à formação da mesma.

Tertuliano na sua obra Prescrições contra os Heréticos já critica certos grupos de cristãos que não se organizavam nos moldes de uma estrutura hierárquica mas que tinham uma grande versatilidade nos ofícios que praticavam entre si. Os que hoje eram diáconos, amanhã poderiam ser leitores; os que seriam hoje presbíteros, amanhã simples leigos^{xxxv}

Também Clemente na sua carta aos Coríntios^{xxxvi} já advogava a solução de uma estrutura hierárquica nas comunidades cristãs com base na comparação do modelo militar. Só se conseguiria impor a ordem na Igreja seguindo um modelo muito rígido de autoridade e de submissão com base nesse modelo hierárquico. Os que não obedecessem aos seus superiores incorreriam até “em pecado e perigo não muito pequeno”.

“Se, porém, alguns não obedecerem ao que foi dito por nós, saibam que se envolverão em pecado e perigo não pequeno”^{xxxvii}

Outro Pai da igreja, Ireneu de Lião vai mais longe. O exercício da autoridade não se esgotará só nas comunidades locais mas haverá de ser estendida a todas as outras, independentemente da sua geografia. Não poderá haver ensinos diferentes do que

aqueles que provenham da Grande Igreja, aquela que segue a Tradição herdada dos apóstolos e que é transmitida por sucessão apostólica aos Bispos.^{xxxviii}

Finalmente, a posição dos cristãos gnósticos face à ortodoxia, não poderia ser mais clara. Segundo o Apocalipse de Pedro, a autoridade de Deus não estão nos Bispos nem nos diáconos que são canais vazios, isto é sem conhecimento. Cada cristão tem acesso ao conhecimento através da gnose, auxiliados primeira mente por outros que já o tinham alcançado e depois por si próprio. Será esse autoconhecimento que lhe dará acesso a Deus, permitindo-lhe voltar ao Pleroma, à Luz, libertando-se assim do mundo material.

“E existem (também) outros, daqueles que estão fora do vosso número, que se chamam a si mesmos bispos e também diáconos, como se tivessem recebido a autoridade de Deus. Caem sob juízo dos principais (lugares). Estas gentes são canais vazios.”^{xxxix}.

2.5. O BAPTISMO PARA REMISSÃO DOS PECADOS

- [na remissão dos pecados] Credo Apostólico
- [Confesso um só batismo para remissão dos pecados] Credo Niceia

O baptismo, sendo um rito de passagem efectuado normalmente com água, não é uma prática exclusiva do cristianismo. No Antigo Testamento temos práticas de abluções cujo objectivo era alcançar a pureza ritualística. No Novo Testamento, vemos primeiramente a prática do baptismo por João Baptista nas margens do Jordão para a remissão de pecados. O cristianismo incluirá posteriormente este rito como sinal de entrada dos novos catecúmenos à comunidade de fé. Aquele que se baptiza, proferindo primeiramente uma profissão de fé, mergulhará nas águas e passará depois a pertencer à comunidade. Outra particularidade deste rito cristão, é o facto de só ser realizado uma única vez na vida do candidato ao mesmo.

No cristianismo gnóstico, o batismo não irá no sentido de remissão ou absolvição de pecados, mas de passagem do estado de ignorância para o conhecimento. O homem

Jesus, quando se baptizou recebeu o Cristo que desceu sobre ele, recebendo a gnose perfeita^{xl}.

Também no Evangelho de Filipe, é dito que não é o facto de se ter entrado na água que o faz ser cristão. Só recebendo o Espírito Santo, ou seja aquele que dá o acesso á gnose, ao conhecimento, é que entra na comunidade dos eleitos.

“Se alguém se submete na água e sai sem receber nada e diz: «sou cristão», recebeu o nome por empréstimo. Mas se recebe o Espírito Santo, possui o nome na qualidade de oferta. E a quem recebeu uma oferta não se lha tira, mas a quem recebeu um empréstimo exige-se-lhe (a sua restituição). Assim acontece quando alguém se vê envolvido num mistério”^{xli}.

No Tratado Tripartido o baptismo é visto como o silêncio, a Câmara Nupcial, manto de luz, vida eterna. Será nessa Câmara Nupcial que o iniciado se encontrará com a sua centelha divina, o seu verdadeiro eu^{xlii}.

2.6. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

- [na ressurreição da carne] Credo Apostólico
- [Espero a ressurreição dos mortos] Credo Niceia

Tanto no Testemunho da Verdade^{xliii}, no Tratado sobre a Ressurreição^{xliiv} como no Evangelho de Tomé se pode constar a negação da ressurreição corporal do homem. Interessante a resposta de Jesus dada aos seus discípulos relatada no Evangelho de Tomé. Aquilo que seria esperado já tinha ocorrido, não ocorrerá nos últimos tempos, conforme interpretado e ensinado pela ortodoxia, mas já tinha ocorrido. Ela dá-se certamente naqueles que já se encontraram a si mesmo, que alcançaram a gnose.

"Os seus discípulos disseram-lhe: Em que dia terá lugar o repouso dos mortos e em que dia virá o mundo novo? Disse-lhes: O que esperais chegou, mas vós não o conheceis”^{xlv}

2.7. A VIDA ETERNA

- [na vida eterna] Credo Apostólico

- **[E a vida do mundo vindouro.]** Credo Niceia

O livro canônico do Apocalipse de João, normalmente colocado no final da colectânea de livros que conhecemos como Bíblia Sagrada, fecha-se curiosamente com uma descrição sumária daquilo que será a vida eterna reservada para os fiéis cristãos. É uma visão gloriosa para todos aqueles que, passando passageiramente por provações, sofrimentos e perseguições neste mundo decaído, finalmente terão na nova Jerusalém Celeste a recompensa da Vida Eterna, plena de toda a felicidade, alegria e bem-estar^{xlvi}.

A vida Eterna, no conceito gnóstico, será tão-somente o retorno ao Pleroma, o local de toda a plenitude e que era alcançada somente através do conhecimento. Não existe aqui uma compreensão de eterna felicidade na acepção holística do ser humano. Apenas a parte pneumática, local da centelha divina, é que regressará ao Pleroma, lugar de plenitude. No final toda a matéria será destruída.

No Tratado Tripartido encontramos esta passagem que descreve muito bem aquilo que os cristãos gnósticos pensavam sobre o que seria a vida eterna, ou seja, o conhecimento pleno das Totalidades e a recepção de todos os bens.

“Mas é uma obra do pré-conhecimento para que se compreenda que há um tempo breve para que o homem tire prazer das coisas que são boas comparadas com o que está no lugar do repouso, que o Espírito determinou tendo previamente planeado que o homem devia experimentar o enorme mal que é a morte, ou seja, a ignorância completa de tudo e que devia experimentar também todos os males que provêm disto e depois as perdas e ansiedades que resultam disto, para poder receber o máximo bem que é a vida eterna, ou seja, o conhecimento pleno das Totalidades e a recepção de todos os bens.”^{xlvii}

3. CONCLUSÃO

Jesus, como já dissemos, nunca fundou uma igreja, pelo menos com a entendemos nos moldes institucionais, como entidade física ou visível. Entendia a igreja como um

movimento desprendido de qualquer religiosidade e livre de dogmas que pudessem aprisionar as pessoas nos seus sistemas legais. Seria o poder religioso instituído a condená-lo à morte precisamente por ter ousado com os seus ensinamentos a ir tão longe a pontos de subverter totalmente todo o sistema vigente.

Como nem Jesus nem mesmo seus apóstolos nos deixaram qualquer fonte escrita, inclusive sobre qual seria a estrutura e maneira de funcionar da sua igreja, as primeiras gerações cristãs confrontaram-se desde início com uma variedade de modelos organizacionais, muitos dos quais acabariam mais tarde de se institucionalizar. Era possível nesse contexto, haver cristãos com diferentes tipos de cosmovisão, entre os quais os cristãos gnósticos.

Face a essa pluralidade de cristianismos, que surgirão em força já depois da primeira ou segunda geração de cristãos, se insurgirão os chamados Pais da Igreja com fortes reacções apologéticas, principalmente contra os cristãos gnósticos. Já no final do século II circulará entre as igrejas o chamado credo Apostólico, o qual será mais tarde reelaborado no concílio de Niceia face às ameaças do Arianismo.

Quase todo o credo de Niceia, será assim uma declaração de fé que fará uma forte clivagem entre a Grande Igreja e os restantes grupos cristãos heterodoxos.

Embora já tenha havido uma ortodoxia bastante elaborada aquando do Concílio de Niceia, o cristianismo institucionalizado com os seus ritos, liturgia e dogmas como o vemos hoje em dia em muitas denominações, só será formalmente estabelecido a partir dessa altura. Dotados agora de uma autoridade fortemente hierarquizada, de um Credo aprovado pela maioria esmagadora dos bispos conciliares, a Grande Igreja iria poucos anos mais tarde, após a oficialização do Cristianismo como religião do Império Romano, recorrer-se do poder imperial para reprimir e eliminar todas as formas heterodoxas de cristianismo até aí existentes. Será no ano 426 d.C. no reinado do imperador Teodósio II que se irá daí início à codificação de todas as leis do Império, inclusive um livro inteiro consagrado às leis religiosas. O próprio imperador exigirá a todos os súbditos do império a adesão ao Credo de Niceia^{xlviii}.

O cristianismo gnóstico quase não conseguirá sobreviver perante a intolerância e implacabilidade que se fará sentir a partir dessa altura. Todo o convertido, no acto do seu baptismo, deveria professar o Credo, algo totalmente inconcebível para um cristão gnóstico. Com a queda do Império Romano do Ocidente n ano 467 d.C., a igreja institucionalizada irá ocupar o vazio do poder temporal e apertar cada vez mais o cerco a todos aqueles que ainda pensavam de maneira diferente. O Credo, ao longo dos séculos irá sempre desempenhar um obstáculo intransponível para esses cristãos gnósticos.

Talvez os caminhos trilhados ao longo de tantos séculos à custa de tanta intolerância, de perseguição e de destruição fossem evitados se tão-somente se tivessem construído pontes de diálogo fundamentados principalmente no respeito mútuo e na liberdade de pensamento. Jesus ao longo da Sua vida, nunca impôs a força como meio de vivência, mas tão-somente o amor entre os homens e mulheres que o seguiam.

ⁱ A palavra grega "symbolon" significava a metade de um objeto quebrado (por exemplo, um sinete) que era apresentada como sinal de reconhecimento. As partes quebradas eram juntas para se verificar a identidade do portador. O "símbolo da fé" é, pois, um sinal de reconhecimento e de comunhão entre os crentes. Catechism of the Catholic Church, Second Edition, Libreria Editrice Vaticana, §188

ⁱⁱ Explanatio symboli, De sacramentis, De mysteriis, De paenitentia, De excessu fratris Satyri, De obitu Valentiniani, De obitu Theodosii – ed. Otto Faller 1955, Vol. 73

ⁱⁱⁱ Norman Lamm, The Shema, Spirituality and Law in Judaism, Varda Books, 2001, pp 1

^{iv} The Early Church Fathers, Irenaeus of Lyons, by Routledge 1997, pp 1

^v Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings, <http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html>

^{vi} Eusebius of Caesarea, Ecclesiastical History, www.newadvent.org/fathers/250103.htm

^{vii} Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings, <http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html>, Adv Haer I, 1.26

-
- ^{viii} Marcion, Early Christian Writings,
<http://www.earlychristianwritings.com/marcion.html>
- ^{ix} Justin Martyr, Early Christian Writings,
<http://www.earlychristianwritings.com/text/justinmartyr-firstapology.html>, Justino I
Apol 26:5
- ^x Biblioteca de Nag Hammadi I, O Livro Secreto de João, pp 226
- ^{xi} Biblioteca de Nag Hammadi I, O Livro Secreto de João, pp 229
- ^{xii} Biblioteca de Nag Hammadi II, Evangelhos Gnósticos, pp 46
- ^{xiii} Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings,
<http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html>, Adv Haer I, 11
- ^{xiv} Biblioteca de Nag Hammadi I, O Livro Secreto de João, pp 222
- ^{xv} Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings,
<http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html>
- ^{xvi} Bíblia Tradução de João Ferreira de Almeida, Carta de Paulo aos colossences, cap
1, vers 16
- ^{xvii} Biblioteca de Nag Hammadi III, A Revelação de Pedro, pp 160-161
- ^{xviii} Biblioteca de Nag Hammadi II, Evangelhos Gnósticos, 70,33-71,2
- ^{xix} Tertuliano, Apologia, Livro IV, The Tertullian Project,
www.tertullian.org/articles/evans_marc/evans_marc_10book4_eng.htm
- ^{xx} Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings,
<http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html>, Adv Haer I, 26
- ^{xxi} Pistis Sophia, Early Christian Writings,
<http://www.earlychristianwritings.com/pistis.html>
- ^{xxii} The Gnostic Society Library, www.gnosis.org/library/pistis-sophia/ps012.htm
- ^{xxiii} Biblioteca de Nag Hammadi III, A Revelação de Pedro, pp 158
- ^{xxiv} Bíblia Sagrada, Tradução de João Ferreira de Almeida, Livro do profeta Isaías
53:3-5
- ^{xxv} Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings,
<http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html>, Adv Haer I, 24
- ^{xxvi} Biblioteca de Nag Hammadi III, A Revelação de Pedro, pp 64
- ^{xxvii} Bíblia Sagrada, Tradução João Ferreira de Almeida, 1ª Carta de Paulo aos
Coríntios 15:12-14
- ^{xxviii} Biblioteca de Nag Hammadi II, Evangelhos Gnósticos, pp 32

-
- xxix Biblioteca de Nag Hammadi III, A Revelação de Pedro, pp 65
- xxx Bíblia Sagrada, Tradução de João Ferreira de Almeida, Apocalipse de João 20:12-15
- xxxi Biblioteca de Nag Hammadi II, Evangelhos Gnósticos, pp 149
- xxxii Biblioteca de Nag Hammadi I, O Livro Secreto de João, pp 237
- xxxiii Bíblia Sagrada, Tradução João Ferreira de Almeida, Evangelho de João, Cap.16, versículos 7-14
- xxxiv Biblioteca de Nag Hammadi I, O Livro Secreto de João, pp 222
- xxxv Tertullian, Prescription against Heretics, www.newadvent.org/fathers/0311.htm
- xxxvi 1 Clement, Epistle of the Romans to the Corinthians, Early Christian Writings, <http://www.earlychristianwritings.com/text/1clement-lightfoot.html>, 37:1-38:1
- xxxvii 1 Clement, Epistle of the Romans to the Corinthians, Early Christian Writings, <http://www.earlychristianwritings.com/text/1clement-lightfoot.html>, 49:1
- xxxviii Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings, <http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html> Adv Haer I, 1.10
- xxxix Biblioteca de Nag Hammadi III, A Revelação de Pedro, pp 63
- xl Irenaeus of Lyons, Against Heresies, Early Christian Writings, <http://www.earlychristianwritings.com/irenaeus.html>, Adv Haer I, 1.21
- xli Biblioteca de Nag Hammadi II, Evangelhos Gnósticos, pp 39,40
- xlii Biblioteca de Nag Hammadi I, O Livro Secreto de João, pp 196
- xliii Biblioteca de Nag Hammadi III, A Revelação de Pedro, pp 204
- xliv Biblioteca de Nag Hammadi III, A Revelação de Pedro, pp 193
- xlv Biblioteca de Nag Hammadi II, Evangelhos Gnósticos, pp 90
- xlvi Bíblia Sagrada, Tradução de João Ferreira de Almeida, Apocalipse de João 22:1-5
- xlvii Biblioteca de Nag Hammadi I, O Livro Secreto de João, pp 184
- xlviii The Theodosian Code (Book XVI), www.scrollpublishing.com/store/Theodosian-Code.html IMPERATORIS THEODOSII CODEX, LIBER DECIMUS SEXTUS, www.ancientrome.ru/ius/library/codex/theod/liber16.htm#1